



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS – CHAPECÓ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CARLA ALUCHNA CORRÊA

**A ANGÚSTIA DA FOME A PARTIR DAS NARRATIVAS DE
CAROLINA MARIA DE JESUS: A MISÉRIA É REAL**

CHAPECÓ, 2019

CARLA ALUCHNA CORRÊA

**A ANGÚSTIA DA FOME A PARTIR DAS NARRATIVAS DE
CAROLINA MARIA DE JESUS: A MISÉRIA É REAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção do grau em Licenciatura em
Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Professor Dr. Fábio Carminati.

CHAPECÓ, 2019

AGRADECIMENTOS

Agradecer, para mim, é um gesto de gratidão. Gratidão é quando te dão algo, não por obrigação, mas sim de coração.

Gratidão a minha mãe e meu pai, por estarem desde o começo ao meu lado. Por estarem presentes em minha vida mesmo passando por vários momentos difíceis. Senão fossem eles, eu não estaria aqui.

Gratidão ao meu orientador, que por mais que eu procrastinasse este trabalho, ele me incentivava a escrever, me mostrando como eu poderia desvendar esse mundo louco que é a ciência. Muito do que sou agora é o que ele me ensinou, essa pessoa a quem dedico, principalmente meus agradecimentos, me ensinou a pesquisar com humildade, mostrando que meu ofício como cientista social é embasado no meu conhecimento, em minhas leituras e minha dedicação.

Foi longo o processo de escrita desta monografia, e nesse tempo, muitos amigos e amigas me escutaram desejando este trabalho. Aqui deixo os nomes que quero levar em minhas recordações sempre que me lembrar deste caminho percorrido. Agradeço aos meus grandes amigos e amigas: Nívea, Luiz Eduardo, Maurício, Lais, Leonardo's, Carolina, Raphael, Carla, Nereu, Bárbara, Fernanda, Laila.

Por último, agradeço aos que mais me inspiram. Sem dúvidas, minha mãe é a minha maior inspiração, mas ter uma irmã e um irmão, e além dele dois sobrinhos maravilhosos, me faz querer andar mais rápido e enfrentar todos os obstáculos para podermos continuarmos nossa geração: Claudia, Renato, Gustavo e Pedro, eu amo vocês. Gratidão por existirem e por sempre estarem comigo, por mais que longe.

Confesso que muitas lágrimas escorreram lembrando dessa trajetória e agradecendo pessoas que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Além da experiência de cursar Ciências Sociais em Licenciatura, tive o prazer de conhecer na Literatura, a escritora Carolina Maria de Jesus, pessoa a qual dedico este trabalho.

RESUMO

Juntando duas grandes áreas de conhecimento, este trabalho se funda a partir da ligação entre a Literatura e a Sociologia. Para tanto, investigaremos a obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, escrito por Carolina Maria de Jesus, a partir do livro *Literatura e Sociologia* de Antonio Candido e também, o livro *Que é Literatura*, de Jean-Paul Sartre. A metodologia deste trabalho se apoia na pergunta: "como analisar uma obra literária?", e para responder tal questionamento, Candido nos orienta por uma perspectiva histórica, defendendo que uma obra literária não é determinada por nenhum aspecto específico e que o estudo sob a obra é no intuito de encontrar os elementos que unem todas as partes do livro, que no fim se tornam indissolúveis, encontrando, assim, a estrutura peculiar da obra. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra e pobre, mas que antes de tudo era escritora. Grande parte de sua vida morou na primeira favela de São Paulo, e que, através de sua escrita, desabafou toda sua angústia da fome em livros achados nos lixos, cujo lugar de onde tirava os cruzeiros (moeda da época) para sustentar seus três filhos. Em busca de quais fatores levou esta mulher a narrar de forma literária sua estrada de vida diante ao mundo cruel vivido, este trabalho se justifica por grandes reflexões postas em seus livros, demonstrando que a miséria é real.

Palavras-chaves: Literatura. Sociologia. Interiorização. Prosa. Fome. Angústia. Favela.

ABSTRACT

Bringing together two areas of knowledge, this work is based on the link between literature and sociology. Therefore, the aim of this monography is to explore the book *Quarto de Despejo: diário de uma favela* written by Carolina Maria de Jesus through the books *Literatura e Sociologia* by Antonio Candido and the book *Que é Literatura* written by Jean-Paul Sartre. The methodology of this work is based on this question: how to analyze a literary work? And to answer such question, Candido guides us from a historical perspective, arguing that a literary work is not determined by any specific aspect and that the study under the the book aims to find the elements that unite all parts of the book, which eventually become indissoluble, helping to find the peculiar structures of the book. Carolina Maria de Jesus was a black and poor woman, but before that she was a writer. For most of your life she lived in the first favela of the state of São Paulo, and with her writing, she was able to tell us all the anguish born from hunger. In search of what factors led this woman to narrate in a literary way her life and the cruel world that she was living, this work is justified by her great reflections in her books, showing that the misery and hunger are real.

Key-words: Literature. Sociology. Internalization. Prose. Hunger.
Anguish. Favela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	18
CAPÍTULO 2 - A INTERIORIZAÇÃO DA ANGÚSTIA DA FOME.....	45
CAPÍTULO 3 - FOME, FAVELA, CAROLINA E SEUS ESCRITOS.....	63
CONCLUSÃO.....	83
REFERÊNCIAS.....	87

INTRODUÇÃO

Escrever literatura no Brasil, por muito tempo, foi apenas entre os privilégios de autores que pertencem à elite brasileira. Literatura sempre foi um espaço a ser composto por autores que já possuíam seus livros publicados e aceitos nas editoras. Literatura nunca foi um espaço para pertencentes às minorias sociais. As mulheres e a população negra poucas vezes foram lembradas em meio aos debates sobre o que é escrever literatura. Trabalhar literatura em um país que se tem a prática do racismo, misoginia, homofobia e uma enorme desigualdade social fez que grandes nomes fossem apagados da história ou nem mesmo lembrados. Isto é, a literatura brasileira pertenceu por muitas vezes, não ao engajamento e a resistência que as obras transpassam, mas sim por quem esta(va) escrevendo, passando pela seleção dos padrões de gênero, etnia e classe social. A fala da escritora cearense Jarid Arraes sintetiza a problemática: "A maioria dos livros e obras que estão disponíveis hoje em dia, isso inclusive tem pesquisas acadêmicas, são protagonizadas por homens e quando existem protagonistas mulheres nas histórias, são mulheres brancas" (CONSOLE, 2017).

Compreendendo a problemática da escritora Jarid Arraes, deixo relatado que meu lugar de fala neste trabalho parte de uma mulher parda pertencente a classe trabalhadora. O racismo estrutural no Brasil mostra que ainda temos muito a lutar para a população negra conseguir sua liberdade, não aquela que deixou esse povo a própria sorte, mas sim, a que se preocupa em efetivar políticas públicas para ascender esse povo, tirando todos e todas dos maiores índices de mortes e miséria do Brasil. Existem muitas problemáticas em nosso país desrespeito tanto as questões da negritude, tanto nas indígenas, quanto nas questões LGBTQI+ ou gênero, mas não podemos desistir de um Brasil melhor, onde a política e a economia sejam justas para com todo o povo pertencente ao território brasileiro. Me comprometi como pesquisadora realizar um trabalho relacionado a população negra, mas sem dúvidas, jamais vou ocupar o lugar de fala de alguém pertencente a negritude. Pesquisar uma

obra literária escrita por uma mulher negra, vem no intuito de contribuir com a visibilidade e o protagonismo das escritoras negras, que muito tem a mostrar para a sociedade brasileira.

Para a filósofa Djamila Ribeiro, apesar do aumento da visibilidade das escritoras negras nos últimos anos, é necessário mais espaço para protagonismo feminino negro no mercado editorial. “É importantíssimo a gente perceber que as mulheres negras historicamente elas vem produzindo, apesar das barreiras estruturais e eu acho que nos últimos anos a gente tem conseguido trazer a tona e dar mais visibilidade pra essas mulheres. Eu acho que escrever a gente vem escrevendo, o que falta pra nós é poder ter oportunidade pra que de fato as pessoas possam conhecer essas produções. (CONSOLE, 2017).

Diante das entrevistas acima publicadas na revista *Brasil de Fato*, em julho de 2017, é possível compreender a negligência epistemológica com os escritos das literárias negras no Brasil. Segundo a fala da filósofa Djamila, a produção das mulheres negras está em andamento no decorrer da história, porém não são reconhecidas e assim inviabilizando as publicações. Neste sentido, o atual trabalho é consequência de críticas que vão ao encontro do que a literária Jarid Arraes expôs: o protagonismo no meio literário sempre está voltado aos homens brancos, e quando mulheres, brancas também. Tornando, assim, o cenário da literatura negra invisível diante o que se constrói de conhecimento na sociedade brasileira, que inclui a literatura.

Dentro do cenário de desvalorização das escritoras negras, Carolina Maria de Jesus, escritora negra e brasileira, foi uma revolucionária do século XX. Nascida no estado de Minas Gerais, após duas décadas da Abolição da escravatura, Carolina Maria de Jesus percorreu por caminhos de violência e racismo do Brasil. Quase na metade de sua vida, passa a morar na primeira favela do estado de São Paulo, e tendo como inspiração o contexto de miséria que vivia, escreve um diário, que mais tarde se transformaria na obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

Carolina Maria de Jesus foi reconhecida pelo espaço literário apenas em 1958, com 44 anos, pelo jornalista Audálio Dantas, em uma gravação de reportagem na comunidade em que ela morava. A autora publicou outros livros de sua autoria (alguns publicados depois do seu

falecimento) depois do reconhecimento, como *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963), *Diário de Bitita* (1982), *Meu estranho Diário* (1996), *Antologia Pessoal* (1996), *Onde estaes a felicidade* (2014). Carolina Maria de Jesus morreu em 1977 e desde então foi *esquecida* pelo público.

Diferentes razões contribuíram para que Carolina fosse relegada a um longo período de esquecimento. As poucas informações que surgiam sobre a nova vida que passara a levar no sítio em Parelheiros se limitavam à imprensa escrita. A maioria das reportagens tinha conteúdo sensacionalista e por vezes ofensivo, que reforçava a imagem de “escritora fracassada” (SILVA, 2006-2007, p. 9).

Todavia, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina Maria de Jesus ainda é de extrema importância para o pensamento social brasileiro, por apresentar muitos problemas nacionais que ocorreram enquanto a escritora viveu, ou fatos históricos que precisam ser reforçados para que os mesmos erros não sejam cometidos, além de construir narrativas sobre a favela, sendo moradora do ambiente. Como exemplo dessa iniciativa de escrever narrativas, abaixo transcrevo o que Carolina Maria de Jesus narrou no dia 13 de maio de 1958:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: - Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: - “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.” ...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espelho. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome! (JESUS, 2014, p. 31-32).

Memorando o marco social a qual ela pertenceu por reflexos e a qual é vítima até o fim de sua vida, Carolina Maria de Jesus interioriza em sua obra *Quarto de Despejo: diário de favelada*, no dia 13 de maio de 1958, o marco nacional que proíbe a escravização de pessoas negras no Brasil. Resignificando esse marco nacional, de forma figurativa, a escritora substitui o significado da escravidão pela situação de fome que vive no século XX. Sendo mais uma vítima da grande população que passa(va) fome no Brasil, Carolina escreve a narrativa acima após 70 anos da aprovação da Lei da Áurea. Além dessa ruptura histórica, Carolina interioriza vários outros acontecimentos sócio-histórico em sua obra.

A passagem dos acontecimentos sócio-históricos para a composição da obra literária, segundo Antonio Candido, não é por determinante social, e sim pelo processo de interiorização do cenário sócio-histórico que o(a) autor(a) vivencia, e que através do modo figurativo, o processo de interiorização se manifesta na obra.

Interiorização é o conceito que expressa a passagem dos acontecimentos sociais, que são externos, para se transformarem em elementos internos da obra literária. Por mais que a escravização já tenha chegado ao fim, a fome ainda é um grande obstáculo ao povo negro na sociedade brasileira. Com isso, Carolina interioriza em sua obra o marco da Abolição e figura com a atual situação de miséria no Brasil, dizendo que a atual escravidão no Brasil é a fome.

No Brasil, muitos vivem na miséria e poucos desfrutam de todo o lucro produzido pela classe trabalhadora, que são os que estão na classe baixa ou mesmo na miséria. Desde a chegada dos navios portugueses nas terras brasileiras, se teve a prática de exploração da mão-de-obra, ao ponto de venderem e traficarem o povo africano ao território brasileiro. Passar fome no Brasil é consequência da colossal desigualdade social, que afeta principalmente a população negra, por serem a maior vítima dos abusos capitalistas em nosso país.

As práticas de desvalorização dos trabalhadores já se naturalizou nas estruturas sociais. Nosso histórico tem consigo muitas mortes e genocídios tanto com a população negra

quanto com a indígena. O fim do processo de escravização do povo negro chegou ao fim no Brasil legalmente apenas no dia 13 de maio de 1888, com a aprovação da Lei Áurea, levando o histórico negro em nosso país percorrer por quase quatro séculos de escravidão. A escravidão dos povos africanos em território brasileiro marcou a cor da pele de quem seria marginalizada futuramente, principalmente pelo grande descaso do estado brasileiro em relação a abolição.

O mito da democracia racial no Brasil, construído pelo sociólogo Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande e Senzala*, fez com que o racismo no Brasil, por muitas vezes, se escondesse atrás de uma maquiagem. Segundo Florestan Fernandes, a ideia de mito “revela a realidade íntima de uma sociedade ou de uma civilização” (FERNANDES, 1989, p. 13). O mito da democracia racial construiu a ideia entre o povo brasileiro que não existe racismo no Brasil, convencendo muitas pessoas a acreditar que a população negra contempla das mesmas oportunidades que a população branca. O estigma de meritocracia alimenta a crença na população brasileira de que o mito da democracia racial se efetiva socialmente, alijando o Estado brasileiro da responsabilidade de promover leis que incluam adequadamente a população negra na sociedade civil.

Como ficar indiferente ao drama humano intrínseco à Abolição, que largou a massa dos ex-escravos, dos libertos e dos ingênuos à própria sorte, como se eles fossem um simples bagaço do antigo sistema de produção? Entretanto, a ideia da democracia racial não só se arraigou. Ela se tornou um *mores*, como dizem alguns sociólogos, algo intocável, a pedra de toque da “contribuição brasileira” ao processo civilizatório da Humanidade (FERNANDES, 1989, p. 13).

A partir da análise sociológica de Florestan Fernandes em seu livro *Significado do Protesto negro*, a população negra, que se integra na sociedade agora como ex-escravos, foi abandonada à própria sorte na sociedade. O povo que apenas era visto para ser explorado, torturado e pertencentes às senzalas, se tornou o verdadeiro alvo da discriminação e marginalização do cenário brasileiro.

“Para o negro, manteve-se muito forte ainda o estigma da cor, mesmo após a abolição da escravidão, tanto quanto ainda o é nos dias de hoje, para o grande contingente da população negra, sobretudo a dos grandes centros urbanos do país” (FARIAS, 2017, p. 33).

O nível de empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista político e econômico. Sem estudos ou qualquer profissão certa, largados à própria sorte, totalmente desamparados por governos, negros e negras se tornaram alvo exploratório da mão de obra barata, da violência do sistema, e do genocídio incondicional da polícia (FARIAS, 2017, p.33).

Negros e negras que estavam no Brasil para serem escravizados por quase quatro séculos, sofreram todo o processo pós abolição também, carregando até hoje a marca da exploração e desumanização provocada pelos povos europeus. Depois que libertos, como sanciona a lei Áurea, a população negra acabou sendo vítima da marginalização também. O Brasil não foi um país que abriu precedentes a ascender o povo negro. Não se preocupou em alfabetizar e ter a garantia que esse povo, acabado de passar por um processo longo de escravização, teria uma moradia e um emprego digno.

Com o início da industrialização e urbanização dos espaços brasileiros, negros e nordestinos se encaminharam aos centros urbanos para trabalhar nas fábricas, concentrando muitas pessoas de diferentes regiões no sudeste do país, mais especificamente em São Paulo. Os porões e cortiços foram as primeiras formas de habitações da grande demanda de moradia que surgia nesse momento (SILVA, 2006-2007). Em seguida, com a radicação destes lugares, pela insalubridade e epidemias, cerca de 10 a 15% da população ficou sem moradia (SILVA, 2006-2007). Com a retirada coercitiva da população dos centros urbanos, foram improvisados, pelo próprio Estado, barracões para amenizar a situação de caos que a sociedade se encontrava com tantas pessoas ao relento (SILVA, 2006-2007). “Se a polícia não matava, no entanto, matavam a penúria, a fome e as doenças” (FARIAS, 2017, p. 33). Esse cenário foi a primeira demonstração da formação das futuras favelas, próximo lugar para onde essas pessoas se encaminharam (SILVA, 2006-2007).

A iniciativa do Estado em retirar os habitantes que estavam alocadas no centro de São Paulo em porões e cortiços, foi embasado nas problemáticas de insalubridade e doenças, porém, nada se fez para melhorar a situação dessas pessoas; pelo contrário, esse povo foi jogado novamente para um espaço sem nenhuma atenção das necessidades básicas. “Mais que uma alternativa caótica de realocação das camadas populares na cidade, a favela surgia como um projeto intencional, fomentado pelo poder público”(SILVA, 2006-2007, p. 4).

Diante a realidade de discriminação e marginalização dos negros e negras no Brasil, alguns escritores dizem que Carolina Maria de Jesus não pode ser considerada uma literária pelo pouco tempo de estudo, outros, pelos *erros* de português em seus escritos, mas o que não reconhecem, de forma crítica, é o histórico documentado sobre a trajetória sangrenta e cruel dos negros e negras, desde o momento que foram vítimas do comércio escravagista, traficados pelos portugueses do território africano ao brasileiro. Há todo momento o preconceito racial quer impedir que as vozes negras sejam ouvidas. O medo dos negros e negras serem escutados e conseguirem justiça por toda a trajetória de discriminação e violência, desperta grande incômodo nos que possuem interesses nessa sociedade preconceituosa.

O preconceito racial estrutura o grande descaso na produção de conhecimento construído pelas mulheres negras. A história da escravidão marcou a trajetória dos negros e negras no Brasil, colocando eles e elas, até hoje em um situação de preconceito racial, inviabilizando muitas expressões artísticas e científicas que partem da população negra.

Com isso, a mulher negra e pobre é a que mais está afetada no cenário brasileiro, por serem discriminada por etnia, gênero e classe social, prejudicando, assim, o seu reconhecimento em muitos cenários sociais, inclusive na literatura.

Diante o conjunto de problemas que inviabilizam e invisibilizam as obras escritas por mulheres negras, o objetivo deste trabalho é analisar as problemáticas sociais que giram em torno da fome na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, escrito pela autora negra

Carolina Maria de Jesus, a partir do conceito de *angústia* forjado pelo filósofo Jean-Paul Sartre, e também pela *interiorização* da história ou do social como estrutura da obra, proposto por Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociologia*.

Desta forma, esta monografia trabalhará com o processo de interiorização para analisar uma obra literária, e a partir disso, entender que é necessário que o(a) crítico(a) procure a essência da obra, sendo o ponto que une todas as partes do livro. A interiorização de acontecimentos sincrônicos ou diacrônicos na obra se manifestam de forma figurativa pela autora, e não determinada pelo reflexo da sociedade, se tornando também aspectos atemporais, já que a escrita não está condicionada ao tempo. Em consideração à isso, a fome, a partir da análise deste trabalho, é o ponto que une todas as partes da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A maneira como a autora transpõe e figura suas narrativas que, representam e denunciam a fome, é nomeada como solução literária da obra. Ou seja, solução literária é “determinado modo de expressar a realidade através da escrita, de transpor o mundo social e histórico para a literatura” (CARMINATI, 2014, p.31). Sendo assim, Carolina interioriza e estrutura sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* a partir da situação de miséria no Brasil, construída através da sua solução literária. Além da crítica sobre o que é passar fome e viver na miséria, Carolina narra como é a vida cotidiana de quem está nessa realidade, já que o principal cenário das narrativas é a primeira favela de São Paulo.

Sentir fome, sem dúvidas, é algo biológico do corpo humano, mas passar fome é um problema social, oriundo da escassez que caracteriza o domínio da matéria trabalhada sobre os seres humanos, como diz Sartre em seu livro *A crítica da razão dialética*. A interiorização das problemáticas que giram em torno da fome já foram estrutura para a criação de outros romances, como para Franz Kafka em sua obra *O artista da fome*, George Orwell no livro *Na pior em Paris e Londres*, ou Jack London, em *O povo do abismo*.

Para Candido, a escrita carrega consigo o processo de *interiorização*. Interiorização seria o caminho que a escrita passa para transpor o mundo real à literatura. Além do que, a

escrita, segundo Sartre, é por onde o escritor ou escritora revela as verdades mascaradas da sociedade, e que também, faz o processo de esclarecer a suas próprias verdades (SARTRE, 2015). Porém, “não existe liberdade dada; é preciso conquistar-se às paixões, à raça, à nação, e conquistar junto consigo os outros homens. Mas o que conta, neste caso, é a figura singular do obstáculo a vencer, da resistência a superar” (SARTRE, 2015, p. 60). Para Sartre, além da escrita, existe outro caminho que nos levam a liberdade, conceituado, por ele, como *angústia*. “Ou se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência do ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão”(SARTRE, 1943, p. 73).

Desse modo, “se a liberdade é o ser da consciência, a consciência deve existir como consciência de liberdade” (SARTRE, 19, p. 72), e

se nossa análise está no rumo certo, deve haver para o ser humano, na medida que é consciente de ser, determinada maneira de situar-se frente a seu passado e seu futuro como sendo esse passado e esse futuro e, ao mesmo tempo, como não os sendo (SARTRE, 19, p. 72).

Sobre a passagem acima retirada do livro *O Ser e o Nada*, Sartre escreve que é a angústia faz o caminho para encontrarmos a liberdade, sendo e não sendo o passado e o futuro.

A angústia é quando temos a consciência de liberdade, como dito acima, mas não podemos esquecer que há uma grande diferença entre angústia e o medo, já que o medo é do seres do mundo e a angústia se refere diante de mim mesmo (SARTRE, 1943).

A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele. Uma situação que provoca medo, pois ameaça modificar de fora minha vida e meu ser, provoca angústia na medida em que desconfio de minhas reações adequadas a ela. A armação de artilharia que precede um ataque pode provocar medo no soldado que sofre um bombardeio, mas a angústia começará quando ele tentar prever as ações contra o bombardeio e se perguntar se poderá "suportar" (SARTRE, 1943, p. 73).

Se questionar sobre a possibilidade de se jogar do abismo, na procura do eu que ainda não sou, não determina minha queda, como ter medo do abismo, também não significa que não posso, pelo acaso, escorregar em uma pedra e cair. Por mais que as possibilidades aparecem no momento que me questiono, “me angustio precisamente porque minhas condutas não passam de *possíveis*, e isso significa exatamente: embora constituindo um conjunto de motivos *para* repelir a situação, ao mesmo tempo capto esses motivos como insuficientemente eficazes” (SARTRE, 1943, p. 75).

Assim, é na angústia de passar fome, e também, de não ter meios que a leva a solucionar este problema, por serem ideias insuficientes eficazes, Carolina Maria de Jesus encontra sua consciência de liberdade, apesar de saber que a situação a qual se encontra não está sob seu controle. Sua consciência de liberdade vem dos questionamentos sob qual as possibilidades que ela tem para se libertar do mundo da fome. Como dito por Sartre, através da sua peculiaridade, escrever para Carolina é uma dimensão essencial da liberdade. Por isso, é pela escrita que Carolina se liberta do mundo cruel que vive. A liberdade, para Sartre, está tanto relacionada ao sentimento de angústia quando a escrita, por isso, pode-se traçar que Carolina ao passo que se questiona sobre a fome, como por exemplo, se suportará manter-se viva com a fraqueza da fome, ela também escreve, ressignificando sua situação de miséria vivida na favela Canindé.

A estrutura deste trabalho terá a seguinte organização: o primeiro capítulo trata dos caminhos que a escritora percorreu no decorrer de sua vida. Nascida em um Brasil rural e que havia acabado de proclamar a Abolição da escravatura, Carolina nunca teve uma vida fácil, a menina, desde muito jovem, precisou se movimentar pelas estradas brasileiras, até que chegasse na cidade de São Paulo e fosse reconhecida como escritora literária.

O segundo capítulo tem como objetivo reunir autores que vão nos ajudar a pensar a literatura de Carolina Maria de Jesus. Reunindo os pensadores Antonio Candido, Jean-Paul

Sartre, Lukács e Lucien Goldmann, procuraremos desvendar alguns processos de construção da escrita da autora Carolina Maria de Jesus.

No terceiro capítulo, e último, iremos entender especificamente sobre o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Um diário que se transformou em livro, e que nos mostra uma realidade triste e cruel. As palavras que estão dispostas não estão apenas jogadas em um papel, o universo que Carolina narra está permeado por miséria, fome, violência, maus tratos, preconceitos e muitas vidas faveladas. A história se passa na primeira favela de São Paulo, onde a escritora vive e escreve o mundo que lhe rodeia.

CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Ao adentrar às páginas da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, encontra-se muitos elementos que podem ser objetos de estudos, já que a obra possui um caráter de grande amadurecimento intelectual da autora. Como já enunciado na introdução, o objetivo principal desta monografia é relacionar as narrativas da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, principalmente, com os conceitos de *angústia* e *interiorização*. Nesse sentido, começaremos o primeiro capítulo apresentando a relação do conceito de angústia com os processos da escrita literária da autora. Para adiante entender que a fome é o motivo da angústia, e que a passagem da angústia da fome para a escrita se dá pelo processo de interiorização. Em seguida, apresentarei aspectos da vida de Carolina que vão nos ajudar a refletir como ela se tornou essa mulher de escrita engajada, apesar das muitas dificuldades que passou, incluindo o grande nível de analfabetismo do povo negro na época em que nasceu.

Angustiar-se, segundo Sartre, é o mesmo que questionar-se, que torna a vida a existência humana possível. Entretanto, por mais que a angústia seja esse movimento de se auto-questionar, trazendo um sentimento de possibilidades diante à angústia, sentir-se angustiado não acarreta uma resposta imediata. Angústia, para Sartre, é o modo de ser da liberdade, já que é um momento que o ser humano se questiona sobre suas ações diante de situações de sua vida. Sendo assim, apesar da angústia ser esse sentimento de questionamento, levando-a a reflexão sobre si mesmo, esta não determina nosso comportamento, qualquer que seja, inclusive a escrita. A angústia, dessa forma, está mais relacionada ao sentimento de liberdade que o questionamento levanta do que propriamente no que aquilo pode se transformar.

Investigar sobre a literatura é refletir também sobre os processos de construção da escrita ou para que(m) escrevemos, assim, a partir das análises deste trabalho, usando os conceitos de *interiorização* e *angústia*, veremos no próximo capítulo que escrever é ressignificar as inspirações do sentimento de angústia, que podem ser cóloras sociais ou a

perca de um grande amor. Por esse motivo, nunca conseguiremos reescrever exatamente um fato social ou um sentimento de angústia, pois esse processo se dá pela interiorização, e não pelo determinismo social. A angústia não determina o processo de criação da escrita prosa, a escritora ou escritor pode interiorizar e modificar em sua escrita os motivos que os levam a angústia. Assim, a angústia é o sentimento que temos no momento em que encontramos a consciência da liberdade, pois se questionar, para Sartre, é uma forma de encontrar a liberdade, mas não podemos precipitar-nos e entendermos que encontrar a consciência da liberdade condiciona o que escrevemos. Neste sentido, investigaremos o processo da trajetória da vida de Carolina Maria de Jesus no que diz respeito à interiorização da angústia da fome em seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

O que precisamos entender de antemão é que por mais que Carolina Maria de Jesus se questione sobre a vida de miséria que leva, sua escrita não é determinada pela fome. As narrativas que Carolina constrói sobre como é viver passando fome são os resultados das ressignificações da sua angústia da fome. A fome, neste contexto, é o motivo da angústia, e não, necessariamente, da escrita, ainda que Carolina tenha suas inspiração nos aspectos que interferem diretamente em sua trajetória, como a fome, miséria, violência, descaso social.

Isto é, os sentimentos de angústia não determinam nossas reações, o questionamento não nos levam a fazer algo necessariamente. A escrita não é determinada pelo sentimento de angústia; escrita é engajamento, é posicionamento diante a vida, como disse Sartre. Sempre que escrevemos usando a prosa colocamos em nossa escrita um posicionamento diante ao mundo, afinal, como podemos escrever algo sem estar relacionado ao mundo em que estamos inseridos? A escrita prosa de cada autora ou autor é a ressignificação do que pensam e vivem, mostrando quem é ele(a) diante ao mundo, pois é a partir da escrita, em sua peculiaridade, que se encontra feições à liberdade (SARTRE, 2015). Escrever é um modo que temos de libertar as nossa angústias.

Dentre as reflexões existenciais ou cóleras sociais, o sentimento de angústia floresce em Carolina Maria de Jesus, e como forma de libertar sua angústia de passar fome e ver seus filhos na mesma condição de miséria, Carolina narra vidas, inclusive a sua, que mostram a calamidade da falta da comida no dia a dia de quem mora na favela Canindé. Vivendo em um lugar que não nasce flores, como escreve a escritora em seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a autora narra vidas, que assim como a dela, também vivenciam a fome e a violência marcante no racismo estrutural.

Carolina Maria de Jesus é mulher negra e grande parte de sua vida foi pobre e favelada. Sempre tendo uma vida difícil, pois não haviam oportunidades à ela, a escritora trabalhou muito em sua vida enquanto criança, jovem e adulta. A maior parte da sua trajetória, Carolina trabalhou como doméstica, babá, colona ou catadora de papéis, já que o país onde vivia não lhe oferecia oportunidades de estudos. Ao contrário, perseguiam e marginaliza(vam) a população negra.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 na cidade de Sacramento, cerca de 500 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais. Ainda com o histórico muito recente da jovem abolição dos(as) escravos(as) no Brasil, no final do século XIX, a cidade de Sacramento foi povoada principalmente por povos negros e indígenas. O povoamento se deu em um cenário

de características rurais, mas com grande histórico de violência pela cobiça causada também por terras férteis e abundância de água. Negros e índios, aqueles com seu quilombos e estes com suas malocas, eram os mais massacrados e capturados, pois estavam exatamente no meio do caminho dessas sanguinárias conquistas (FARIAS, 2017, p. 15).

Após a Abolição da escravatura (1888) muito se via a população negra trabalhando nos empregos mais ordinários ainda, com roupas maltrapilhas (FARIAS, 2017). Eram os menos assistidos na educação, sendo “analfabetos de pai e de mãe, sem casas que não fosse a

de chão batido, de telhado coberto de palhas ou de capim, com paredes de estuques, ou barro socado”(FARIAS, 2017, p. 11).

O tempo em Sacramento, estava bastante estagnado, para não dizer totalmente atrasado. Tudo permanecia como nos primórdios escravistas, de mistura de com a Colônia e o Império. Tanto nas relações sociais, quanto nas relações do mundo do trabalho. A diferença permanecia única e crítica: o pobre (negros na sua esmagadora maioria) continuava a ser pobre, muitas vezes miserável, como na época do eito, e o branco (na sua esmagadora maioria) continuava a ser rico, abastado e preconceituoso, como quando era senhor de negros africanos e brasileiros escravizados. Raramente era amável e acolhedor com a população escravizada ou simplesmente negra (FARIAS, 2017, p. 14).

A mudança das bases que sustentavam a economia brasileira encaminhou muitos fazendeiros com seus escravos para outras cidades. Os garimpos de ouro foram substituídos pela produção da agricultura. Sacramento foi um dos espaços ocupados por essa população que se deslocava, espaço este que já tinha passado pelo processo de exploração de minérios dos bandeirante, que deixaram “suas pegadas e as marcas de seus vestígios, e alguns seres escravizados para trás, mortos ou abandonados à própria sorte” (FARIAS, 2017, p. 15). Com o deslocamento dos fazendeiros, o lugar onde os negros e negras passaram a morar em Sacramento era denominado como Patrimônio, lugares pertencentes à igreja. Carolina conta em sua obra *Diário de Bitita*, publicado em 1982 na França, que quando era criança morava em um terreno comprado pelo seu avô, que ficava localizado em um espaço de patrimônio. Carolina escreve:

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinham que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar. (JESUS, 2014, p. 13).

A passagem do século XIX para o XX foi marcado por muitas mudanças no Brasil, como a abolição da escravatura e as mudanças econômicas, mas, apesar dessas mudanças

macro terem acontecidos, a situação da população negra continuava bem parecida no que se diz respeito a escravidão. “Os negros mineiros desse período do desenvolvimento de Sacramento, cidade pioneira, continuavam à margem da sociedade local, explorados de todas as maneiras e conveniências, sem direitos, como no tempo do escravagismo” (FARIAS, 2017, p. 18). Ainda se mantiveram métodos de tutelar as crianças negras para realizar os trabalhos mais pesados das Casas Grandes, como lavar grandes quantidades de roupas, preparar comida, limpar as salas e quartos e também os trabalhos com os animais (FARIAS, 2017).

Foi nesse contexto que Cota, como era chamada a mãe de Carolina, casou-se com Osório Pereira, homem que quando criança foi tutelado pelo senhor Miguel Alvim. Deste relacionamento, Cota teve seu primeiro filho, que carregou o nome de Jerônimo Jesus Pereira. Atualmente ninguém sabe ao certo o paradeiro deste irmão de Carolina Maria de Jesus (FARIAS, 2017). Quando Cota engravidou de Carolina Maria de Jesus ainda estava casado com Osório (FARIAS, 2017). Osório Pereira não foi um bom esposo à Cota, não queria trabalhar para construir uma base para a família que constituía (FARIAS, 2017). “Em função disso, Cota acabou tendo que arranjar um emprego, para não morrer de fome, e sustentar o filho pequeno” (FARIAS, 2017, p. 20). Aos poucos, Cota começou a frequentar bailes aos fins de semanas e também a conhecer novas pessoas, como João Cândido Veloso, pai de Carolina Maria de Jesus. “João Cândido, prosegador de carteirinha, fixado no seu objetivo de conquista, só dançava com Cota, toda e qualquer música, ambos unicamente enleados na arte do bailado” (FARIAS, 2017). “”Tanto *fizeram arte*” - relatou Vera Eunice de Jesus Lima, filha de Carolina, e neta de Cota e de João Cândido Veloso - “que acabou nascendo a obra prima”, como ela se refere ao nascimento da mãe escritora” (FARIAS, 2017, p. 21).

Com a gravidez inesperada de Cota, Osório Pereira largou a esposa à mercê já com o primeiro filho. E quanto a João Cândido Veloso, logo sumiu no mundo, deixando Cota com dois filhos a criar. Bitita, como Carolina Maria de Jesus era chamada na infância, cresceu sem

a presença do pai, e nunca o conheceu também. Em seus escritos em seu livro *Diário de Bitita* (1982), escreve referindo a sua mãe:

Várias vezes pensei em interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô [...]. Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. Quando a minha mãe falava, eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me: - Eu não gosto de você! Respondi-lhe: - Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai, eu não estaria aqui. Minha mãe sorriu e disse: - Que menina inteligente. E está com quatro anos. (JESUS, 2014, p. 14).

Carolina narra em seu livro *Diário de Bitita*, que quando criança era insuportável, que não parava de chorar até que conseguisse o que queria, chorava por dias e noites. Pensava que o que importa na vida é que os desejos fossem satisfeitos. Ela escreve:

O único meio de minha mãe conseguir paz era me contentar. A minha mãe era tolerante. Me olhava, sorria e dizia: - Veja a cara dela! Não me espancava. As vizinhas me olhavam e diziam - Que negrinha feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava. Minha mãe me olhava e dizia: - Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência (JESUS, 2014, p. 18).

Carolina escreve que quando sua mãe ia trabalhar deixava-a com suas madrinhas, conta que foi batizada aos sete anos de idade pela dona Matilde (JESUS, 2014). Dizia que olhava todos na rua para ver se estavam lhe observando, já que usava um vestido novo, presenteado pela madrinha no dia do batismo (JESUS, 2014). Ela ainda diz sobre esse dia: “como é bom ser criança, época em que tudo que é novo tem imenso valor para nós! Eu estava descalça, porque a minha mãe não pôde comprar um “pé de anjo” para mim” (JESUS, 2014, p. 19). Além desta madrinha, Carolina Maria de Jesus possuía mais duas madrinhas. Sua mãe lhe dizia que o papel da madrinha era ser a segunda mãe, pois “quando a mãe morre, a madrinha é obrigada a criar o afilhado” (JESUS, 2014, p. 20), orientando Bitita sempre a obedecer as madrinhas e não xingá-las.

Carolina escreve que quando era pequena suas “ideias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre

azul não seria gracioso”(JESUS, 2014, p. 15). Para Bitita, “o mundo consistia em comer, crescer e brincar (JESUS, 2014, p. 21). Ela pensava: “o mundo é gostoso para viver nele. Eu nunca hei de morrer para não deixar o mundo. O mundo há de ser sempre meu. Se eu morrer, não vou ver o sol, não vou ver a lua, nem as estrelas. Se eu me encontrasse com Deus ia pedir-lhe: “Deus, dá o mundo para mim?””(JESUS, 2014, p. 21).

Até quando criança, Carolina já se questionava sobre a vida dos ricos. No capítulo que Bitita escreve sobre as festas, na obra *Diário de Bitita*, faz uma reflexão sobre as abundâncias na vida da burguesia:

Depois do Ano-Novo era o Carnaval. Então o mundo é sempre assim? Todos os anos é a mesma coisa? Minha mãe disse que não. O único mês que eu sabia que existia era o mês de maio. E os negros iam pedir esmola. Saíam com uma bandeira com o retrato de são Benedito. Quando chegavam nas casas dos ricos, as madames introduziam a bandeira dentro dos quartos e salas suplicando aos santos que lhes auxiliasse. Embora elas tivessem casas para morar e alugar, roupas bonitas, comida em abundância, automóvel, banheiros com água quente para tomar banho todos os dias. Vivendo com conforto, ainda pediam o auxílio dos santos. Puxa! Será que os ricos não se contentam com o que têm? Para que esses desatinos para ficar ricos, se quando morre deixa tudo! Elas davam as esmolas, mas faziam inúmeros pedidos (JESUS, 2014, p. 26).

Carolina nasceu em uma família oriunda do povo que foi escravizado, Cota é filha de escravo, mas pelo o que tudo indica, nasceu quando já se tinha a lei do Ventre Livre, e para deixar a vida de doméstica, resolveu se casar (FARIAS, 2017). Com a situação que a população negra ficou após a abolição, a vida de Carolina desde pequena não foi fácil, ela já pensava: “Eu achava o mundo feio e triste, quando estava com fome. Depois que almoçava, achava o mundo belo. Perguntei a minha mãe: - O mundo é tão bom! Ele é sempre assim? Não, respondeu-me. Dirigiu-me um olhar tão triste, um olhar que preocupou-me. Mas insisti. - Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo? Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando” (JESUS, 2014, p. 28).

Nascida no contexto da Primeira Guerra Mundial, e também logo após a Abolição, Carolina viveu sua infância em um cenário de injustiças e violências. Seu avô Benedicto José

da Silva, pai de Cota, nascido na Angola, chegou ao Brasil pelo processo da diáspora africana, em sua “ juventude, morava pelos lados do patrimônios, terreno público da Câmara Municipal, onde a água era coisa rara; local de residência da maioria da população negra , oriunda da escravidão ou do final dela” (FARIAS, 2017, P. 27). Benedicto José da Silva morreu em 1924, quando a menina Bitita tinha apenas dez anos de idade.

Como já dito acima, Bitita era uma menina muito esperta e inteligente, estava sempre com as respostas na ponta da língua. Tudo a menina questionava e suas curiosidades preocupavam todos que estavam ao seu redor. Quando Bitita não entendia o que lhe respondiam, ela refazia a pergunta até que entendesse. No livro *Diário de Bitita*, a menina pergunta a sua mãe se ela é um bicho ou é gente, comenta sobre as brigas de casais, e até se questiona: homem deve ser muito bom, porque todas mulheres brigam por eles: será melhor que arroz com feijão e frango? ou melhor que cocada? “A voz de Bitita era tão estridente e cansativa que a tia Claudimira, irmã de sua mãe, dizia sem qualquer cerimônia e mesmo com a menina ao lado, para esta escutar tudo, em alto e bom som: - Cota, se eu fosse você internava essa negrinha num hospício” (FARIAS, 2017, p. 37).

A vizinhança também reclamava. Aquilo não podia ser algo normal. Quando a menina escasquetava com uma coisa, aí ferrava tudo, ninguém mais teria sossego na vida. As perguntas se multiplicavam numa sequência alucinante” (FARIAS, 2017, p. 38).

Para trabalhar, Cota deixava a menina com as tias ou com a esposa de seu pai. Bitita com no máximo quatro anos já tinha que separar-se de sua mãe durante o dia, o que era desesperador, já que ainda mamava do leite materno. Como a menina chorava muito e todos não aguentavam mais, Siá Muruca, madrastra de Cota, deu cachaça para que menina ficasse quieta. Bitita ficou desacordada por muitas horas. A mãe quando viu a filha naquela situação levou a menina a um medium, que lhe disse: “- Não é nada, senhora, ela só está embriagada. Deram-lhe a ingerir bebida alcoólica e ela adormeceu, foi isso” (FARIAS, 2017, p. 41). Além disso, o medium disse à Cota que o crânio da menina “não tinha espaço suficiente para alojar

tantos miolos, que ficavam comprimidos” (FARIAS, 2017, p. 41), e que era por isso que a menina chorava muito, pois tinham muitas dores de cabeça. E ainda complementou: “- Ela vai adorar tudo que é belo-[...]- A sua filha é poetisa” (FARIAS, 2017, p. 41).

Ainda criança, Bitita vivia em um contexto que a “violência era enorme. A polícia catava e caçava os negros, em geral os homens, dando neles sovas e tiros. As mulheres negras, estas eram tratadas, muitas vezes, como prostitutas” (FARIAS, 2017, p. 44). Com muita dificuldades nesse cenário, Cota conseguiu um emprego de doméstica na casa do senhor José Saturnino e Mariquinha. Cota, apesar das tias de Bitita, não tinha mais com quem deixar a menina. Carregava consigo Carolina para o trabalho. E assim “por ela não dar sossego a ninguém, dona Mariquinha, filantrópica, teve a ideia de matricular a menina no Colégio Allan Kardec, não por acaso o melhor existente na região” (FARIAS, 2017, p. 45).

Carolina Maria de Jesus teve seu primeiro contato com a escola por volta dos sete anos de idade. No começo, Cota não queria que a menina fosse à escola, mas foi convencida pela senhora. Carolina sofreu muito com essa mudança repentina em sua vida, ficou assustada com a quantidade de pessoas que encontrava, além dos preconceitos que a menina teve que enfrentar. Bitita demorou a se adaptar a escola, a menina acostumada a ficar agarrada em sua mãe, até mesmo por ainda mamar o leite materno, resistiu à escola. “Então a senhora ainda mama? - inquiriu a professora Lonita, com toda sua autoridade em sala de aula. Eu gosto de mamar! - respondeu uma insolente voz infantil” (FARIAS, 2017, p. 48). Depois desse dia, Cota conseguiu tirar Bitita do peito, afinal, a menina já tinha sete anos de idade. Os métodos de ensino desse tempo ainda eram as palmatórias, mas apesar disso,

Carolina de fato se tornou uma aluna aplicada e disciplinada, levando-a a uma paixão incondicional pelos estudos e pelos livros até o final da vida. No início relapsa com os estudos, faltando as aulas, passou a ser uma das primeiras alunas, em assiduidade e no aprendizado das lições (FARIAS, 2017, p. 49)

Foram dois anos que Bitita estudou na escola Allan Kardec, porém teve que sair da escola, pois precisava acompanhar sua mãe para fora da cidade, apesar de contrariada.

Sacramento era uma péssima cidade para uma mulher como Cota: sozinha com duas crianças para alimentar. Cota

estava cansada e sem esperanças. Estava, igualmente, pensando em sossegar quando apareceu uma espécie de luz no fim do seu túnel: Cota tinha se interessado por um senhor, de nome José Romualdo, também negro, que chegou na cidade à procura de uma mulher honesta e trabalhadora e que a convidou para irem morar e trabalhar juntos como colonos numa fazenda em Uberaba, uma cidade mineira próspera, bem mais desenvolvida que Sacramento, em termos populacionais econômicos (FARIAS, 2017, p. 55).

De início, Carolina não gostou da ideia de ir morar na roça, perguntava a sua mãe: “Será que poderemos viver no mato?”. Carolina,

desde pequena ela era muito birrenta e teimosa. As coisas tinham que ser feitas do seu jeito, as respostas tinham de ser dadas a hora que quisesse. Senão o caldo entornava... Ela deixou registrado que os pertences mais valiosos que tinha juntado eram os seus livros: de Luís Gama, poeta baiano e abolicionista, livros sobre Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira, e outro sobre o herói negro pernambucano Henrique Dias (FARIAS, 2017, p. 56).

Carolina estava apaixonada pela leitura, isso lhe deixava muito feliz. Lendo, Bitita esquecia o feijão no fogo e levava bronca de sua mãe (FARIAS, 2017). Foram quatro anos o tempo que Bitita passou com sua mãe e padrasto na fazenda Lajeado. Esses anos que os três passaram na fazenda foi muito produtivo à família de Cota. Todos plantavam e cultivavam todos os alimentos que comiam. “Plantaram então arroz, feijão, milho e cana-de-vassoura, e ainda ganhavam sementes de abóbora, quiabo e fava” (FARIAS, 2017, p. 57). “Carolina começou a gostar verdadeiramente da vida no campo, levantando muito cedo, carregando a sua enxada” (FARIAS, 2017, p. 57). Foi um período de fartura para a família. “Carolina ria a toa, pois sempre tinha alguma coisa para comer” (FARIAS, 2017, p. 58). As plantações estavam rendendo tanto, que todos os sábados Carolina e o padrasto saiam para vender jiló no centro de Uberaba (FARIAS, 2017).

“Mas como tudo que é bom dura pouco [...], sem mais nem menos, o dono da fazenda, Olímpio Rodrigues de Araújo, enxotou todo mundo das suas terras” (FARIAS, 2017, p. 59).

No desespero de Cota e seu marido ao pensar o que seria deles dali pra frente, Carolina passou a trabalhar de doméstica e babá na casa grande, pois a patroa havia lhe prometido “produtos de beleza do tipo para deixar a pele branca, contratação de médico cirúrgico para o afinamento do nariz, pastas para o alisamento do cabelo, e etc, trabalhou por seis meses sem receber qualquer agrada ou salário” (FARIAS, 2017, p. 60). Nessa situação, a família de Carolina percebeu que não haveria outra maneira, a não ser ir embora de Uberaba. “Não tinha como ficar mais ali, a menos que quisessem ser tratados como novos escravos” (FARIAS, 2017, p. 61). Em troca dos porcos e galinhas que a família ainda tinha, conseguiram pagar a mudança para tirarem seus pertences da fazenda (FARIAS, 2017).

Carolina que tinha pegado gosto pela terra, acostumada que estava com ofício de plantar, a vida da roça, no campo, sentiu muito ter que abandonar as suas plantinhas, os seus pés de jilós, e ter que deixar para trás o seu cavalo Maçarico. Desconçolada, em função disso, chorou muito, mas foi consolada mais uma vez pela mãe - uma rica e rara oportunidade essa de convivência entre mãe e filha, na qual as duas se tornaram grandes e inseparáveis amigas (FARIAS, 2017, p. 61).

Voltar a Sacramento foi muito difícil a família que já estava habituada a viver na terra, onde plantavam tudo o que comiam. Novamente a preocupação de não ter o que comer entra na vida de Cota, Bitita e José. “O afã para arrumarem logo algo com o que ganhar a vida honestamente levou o padraço José Romualdo a tratar um novo trabalho numa outra fazenda, de propriedade de um japonês, que atendia pelo estranho nome de Napoleão” (FARIAS, 2017, p. 64). Mas logo essa colheita acabou e a família novamente teve que se encaminhar a outra fazenda, que se localizava em Restinga.

Seria outra experiência única na vida de Carolina e sua família. E não muito satisfatória, como as anteriores. A primeira impressão começou já na chegada, quando todos tiveram que dormir no chão, como “animais”, porque haviam chegado tarde e ainda estavam sem os seus pertences pessoais, que ficaram presos pelo adiantado da hora na estação de trem Restinga, até o dia clarear, quando José Romualdo foi buscá-los” (FARIAS, 2017, p. 65).

Ao contrário da fazenda Lajeado, ninguém podia plantar nada na terra onde trabalhavam (FARIAS, 2017). “Para a manutenção de todos, neste caso, o fazendeiro abriu

um crédito de compras de gêneros alimentícios numa venda próxima à estação de Restinga, no valor de cento cinquenta mil réis” (FARIAS, 2017, p. 65). Faltava quase tudo na casa, o dinheiro que estava disponível não era o suficiente para as necessidade diárias da casa. O senhor dizia aos que trabalhavam em sua terra que em sua fazenda “era proibido adoecer, embora o serviço fosse muito e a alimentação bastante escassa, quando não faltava” (FARIAS, 2017, p. 64).

O senhor nunca estava satisfeito com os serviços, além de que muitas vezes, não pagava os colonos. Aos poucos todos foram fugindo da fazenda, chegaram na cidade sem nada. “Carolina lamentou, muito triste, ao fugir, a perda dos seus livros. Tudo ficou na casa da fazenda. Nem um exemplar ela conseguiu trazer consigo” (FARIAS, 2017, p. 67). Além de todas as tristezas que Bitita enfrentava por falta de emprego que os valorizassem, a menina tinha uma doença nas pernas desde quando foi para Uberaba na fazenda Lajeado.

A vida de Carolina e sua família era muito sofrida. Não tinham onde trabalhar e quando aparecia alguma oportunidade, eram tratados como escravos. “Adolescente, Carolina foi ficando cada vez desgostosa ou desiludida com o viver na roça, embora ela declarasse gostar muito dessa vida, que era para ela agreste, bucólica, muito simples” (FARIAS, 2017, p. 67). Foram a partir dessas experiências que Carolina escreveu um poema para representar com era a vida dos colonos nas fazendas por onde trabalhavam. Escreveu seu belo poema *O colono e o fazendeiro* em 1939:

*Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão.
Se o colono está doente
É preciso trabalhar.
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar.
Cinco da madrugada
Toca o fiscal a corneta*

*Despertando o camarada
 Para ir para a colheita.
 Chega a roça ao sol nascer
 Cada um na sua linha
 Suando, e para comer
 Só feijão e farinha.
 Nunca pode melhorar
 Esta negra situação
 Carne não pode comprar
 Prá não dever o patrão.
 Fazendeiro, ao fim do mês
 Dá um vale de cem mil-réis
 Artigo que custa seis
 Vende ao colono por dez.
 Colono não tem futuro
 E trabalha todo dia
 O pobre não tem seguro
 E nem aposentadoria.
 Ele perde a mocidade
 A vida inteira no mato
 E não tem sociedade
 Onde está seu sindicato?
 Passa o ano inteiro
 Trabalhando - que grandeza!
 Enriquece o fazendeiro
 E termina na pobreza.
 Se o fazendeiro falar:
 - Não fique na minha fazenda
 Colono tem que mudar
 Pois não há quem o defenda.*

O que diferenciava Bitita dos demais trabalhadores rurais e domésticos é que a menina sabia ler e escrever.

Autodidata, muito esforçada no rumo do seu saber, pois lia rotineiramente toda a sorte da literatura e tinha curiosidade sobre coisas e a realidade ao seu redor, Carolina aprendia por viver perguntando ou por simplesmente ouvir os outros falarem, dentro ou fora do ambiente familiar. Também lia de tudo, mesmo que sofregamente, todo tipo de livros ou jornais, mesmos velhos, e muitas vezes, por falta de opção, os relia como se fosse pela primeira vez (FARIAS, 2017, p. 70).

Carolina, aos 13 anos já trabalhava com sua mãe. Sua vida de infância foi marcada por muito trabalho e violência. A menina que acreditava que através do seu trabalho poderia mudar sua realidade, aos poucos foi percebendo que a exploração da mão-de-obra no contexto que vivia era maior que sua força de vontade. “Depois de inúmeras vezes enganada, ludibriada e humilhada, Carolina foi, à força, caindo em si: tornou-se uma pessoa muito amargurada com tudo e com todos, além de desconfiada e seca” (FARIAS, 2017, p. 71).

A vida social de Carolina foi marcada por muitas decepções, até mesmo porque a menina, que desde os seus sete anos de idade, tinha um problema de saúde que a impossibilitava de muitas coisas: suas pernas tinham muitas feridas expostas, o que fazia a menina acreditar que conseguiria ter condições de frequentar um médico, estando trabalhando. Carolina não deixa muito claro sobre essas feridas, até mesmo porque nem ela sabia o que manteve por anos suas pernas naquela situação. Muitas viagens da escritora foram em motivo de suas pernas, já que em Sacramento Carolina sabia que não tinham médicos para lhe ajudar. Bitita foi caminhando de Sacramento até Uberaba sozinha, sem dinheiro, sem transporte, e sem se despedir de sua mãe (FARIAS, 2017). Carolina chega a Uberaba sem conhecer praticamente ninguém, até que se lembra de uma colega de sua mãe que morava na cidade. Em busca de um lugar para passar a noite, a menina se encaminhou a casa dessa conhecida, mas chegando lá não foi bem recebida. Bitita explicou que sua viagem se dava devido suas pernas, mas de nada adiantou, a mulher lhe botou para dormir no galinheiro. No outro dia, ao amanhecer, Carolina foi praticamente expulsa da casa. A mulher, que não estava contente com a presença de Bitita, lhe aconselhou a ir até o Asilo de São Vicente de Paulo. Ao chegar no Asilo, Carolina foi atendida pelas irmãs melhor do que na primeira experiência em Uberaba. As irmãs colocaram a menina em um quarto para que pudesse descansar. Bitita passou a ser atendida pelo médico da casa. Mas o que a menina não esperava era que as irmãs a colocaria para fazer os serviços mais pesados do Asilo. Com o passar dos dias, Carolina não tinha mais tempo para ir às consultas, e revoltada com essa situação, a menina decide ir embora, já que a saúde de sua mãe também era grande (FARIAS, 2017).

Depois de dois anos em Uberaba, Carolina retorna a Sacramento com cerca de dezesseis anos de idade (FARIAS, 2017). Foram tempos difíceis em Uberaba, “pela grande falta de solidariedade humana, tanto pelo lado familiar ou de terceiros, quanto pelo lado religioso, que muito a surpreendeu” (FARIAS, 2017, p. 75). O regresso de Bitita a sua cidade natal foi marcada pela grande crise do café no Brasil.

Com a crise, que partiu dos Estados Unidos, que era o nosso principal comprador, o mercado brasileiro se ressentiu, despencou sensivelmente. Os grandes fazendeiros tiveram seus negócios arruinados, levando muito a abandonarem fazendas, desfazendo-se de colheitas inteiras de cafezais. Muitos partiram para os centros urbanos, voltando seus investimento para a área industrial (FARIAS, 2017, p. 75).

Toneladas de cafés foram queimadas pelos senhores, para que o produto voltasse a valorizar. Mais um vez, o Brasil demonstrava o descaso social por parte da elite. “Para se ter uma ideia, aproximadamente 71 milhões de sacas ou 4 bilhões de grãos foram descartados - o suficiente para garantir o consumo mundial durante três anos seguidos” (FARIAS, 2017, p. 75). Sacramento, cidade que Carolina estava nesse momento, sentiu todos os reflexos dessa crise econômica,

o desemprego e a carestia que já eram bastante significativos, sobretudo para a população negra e pobre, tornaram-se insuportável. Com isso, veio a violência, o aumento da fome e da miséria, naufragando na desesperança ainda mais a sociedade sacramentana(FARIAS, 2017. p. 76).

Juntamente a está crise econômica, o país também estava em crise política. Nas eleições de 1930, que foi eleito democraticamente Júlio Prestes, o estado brasileiro passou por um golpe militar. Esse episódio ficou conhecido como o Golpe de 30, já que quem assumiu a presidência do Brasil não foi o que ganhou as eleições, e sim o rival durante as eleições: Getúlio Vargas. Apesar de Vargas ter assumido perante um golpe, o povo pobre defendia o atual presidente. “Carolina, talvez em função do que viu por essa época, se tornaria uma getulista muito aguerrida, um dos seus primeiros textos conhecidos, escrito quando já morava em São Paulo, será sobre sua admiração a Getúlio Vargas”(FARIAS, 2017, p. 79). Contudo,

por mais que o presidente estivesse mudando a realidade do pobre, Carolina não conseguia emprego senão fosse de empregada doméstica ou babá (FARIAS, 2017).

Não obstante de Uberaba, Carolina sofria muito em Sacramento também, a menina não parava em um emprego sequer, além do sufoco que era ter suas pernas com feridas. Bitita, que estava adolescente, não conseguia arrumar namorados. Cota, percebendo que a filha estava muito triste, deu a menina trinta mil réis para que ela fosse para outro lugar. Ribeirão Preto foi a próxima cidade que Bitita se encaminhou, desta vez de transporte. “Seu principal objetivo era internar-se na Santa Casa de Misericórdia” (FARIAS, 2017, p. 82), para que pudesse curar suas feridas. Sem ter onde ficar na cidade, Carolina acha sua tia Ana Marcelina, que nada fez pela menina também. “Foram seis dias de muito sacrifício passados em Ribeirão Preto e, desses, apenas um dia Carolina comeu” (FARIAS, 2017). Novamente Carolina passa pelos caminhos da fome. Sem ajuda de sua tia que morava em Ribeirão, Bitita ficou sem comida, água e lugar para descansar. Caminhando sem destino atrás de comida e água, Bitita chega em Jardinópolis, há 18 quilômetros da cidade que ela estava. Carolina já sem esperanças e muito triste resolveu ir a Santa Casa local. “A freira que abriu a porta e atendeu, quando a via naquela condição deplorável, de verdadeiro trapo humano, compadeceu-se imediatamente com o estado dela”. A menina foi tratada muito bem pelas freiras, recebendo “roupas limpas para dormir, com uma camisola e um roupão, e toalhas limpas para o banho, que contava com sabonete e chuveiro de água quente” (FARIAS, 2017, p. 85). Enquanto Bitita dormia, as freiras fizeram curativo em suas pernas.

Embora tendo esse tratamento, pela primeira vez em sua vida, permaneceu pouco tempo na Santa Casa. Suas pernas não saravam, mesmo sendo tratadas com bom médico, e isso a deixava muito nervosa. Parecia uma inválida. Carolina também não repousava, na verdade. São incontáveis as cidades, entre os 14 para os 20 anos, que ela percorreu a pé. Contabilizando em horas, dias, semanas e meses de caminhadas, sozinhas, sem ninguém. Também não era por menos: vivia uma situação para lá de complicada, seja na vida pessoal, com os sentimentos e emoções sempre à flor da pele, seja na financeira, pela penúria que, desde criança, rondava toda sua família (FARIAS, 2017, p. 86).

Após caminhar até a cidade Sales de Oliveira, Bitita conseguiu emprego na casa de Maria Augusta. “Foram quinze dias de muita satisfação para ela e para dona Maria Augusta. Mas também não ficou nesse emprego. Dali Carolina foi trabalhar em Orlândia, para onde se locomoveu - uma macrorregião de Ribeirão Preto, como Sales de Oliveira” (FARIAS, 2017, p. 86). Carolina foi de carro para Orlândia, onde já tinha um emprego por indicação da ex patroa. Neste novo emprego, Carolina foi bem tratada também. Um dia mexendo nos livros que estavam em caixas no seu quarto, a menina encontrou vários livros, incluindo um dicionário Prosódico. “Carolina, assim que deixou a casa do casal Manso Pereira, carregou sorrateiramente o velho volume entre os seus pertences, entre os quais dos três vestidos novos” (FARIAS, 2017, p. 89).

Novamente Carolina passa por altos e baixos, e depois de viver pouco tempo nas macrorregiões de Ribeirão Preto retorna a sua cidade. Já cansada de viver nessas regiões, Bitita tem o grande sonho de ir para São Paulo.

Desta vez, ao contrário das vezes anteriores, chega carregada de outros ares, como se estivesse se sentindo feliz, bonita e satisfeita. Talvez tivesse suas razões para isso. A face corada, tendo a impressão de uma pessoa bem tratada, alimentada e bem cuidada fisionicamente (FARIAS, 2017, p. 90).

Sua recepção em Sacramento não foi das melhores. “Quando você chega - disse-lhe a mãe, no relato de Carolina - eu já sei que vou ter aborrecimentos” (FARIAS, 2017, p. 91). Realmente, Carolina Maria de Jesus nunca foi uma menina fácil de lhe dar, possuía uma personalidade muito forte, mas a menina tinha mudado depois de passar por tantos lugares.

Depois que aprendeu a ler e escrever, então, aí mesmo que a coisa tomou novos rumos. Passava quase todo o dia com um livro nas mãos. Assim foi que leu, com vivo interesse, e a ajuda do dicionário, “Os Lusíadas”, de Luís Camões. Os versos do poeta português encantaram tanto a jovem leitora que ela cada vez mais acalentava o sonho de virar “poetisa”, como de fato, anos depois seria chamada (FARIAS, 2017, p. 91).

Carolina nasceu em meio a uma família analfabeta, que achava que ter sonhos ou querer viver outras experiências era falta de juízo. Depois de ter passado por tantas situações

de humilhações em sua vida, Carolina já não se importava mais com os julgamentos dos seus parentes (FARIAS, 2017). A única coisa que ainda deixava a menina triste eram as feridas em suas pernas, que insistiam em não sarar (FARIAS, 2017).

De outra parte, Carolina estudava muito, lia cada vez mais, especialmente história do Brasil. Tinha fascínio pelos temas das guerras, falando sempre da guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, e a do Paraguai, combatida pela Tríplice Aliança, formada pela Argentina, Uruguai e Brasil contra o Paraguai, guerra esta que durou cinco longos anos, ou de 1864 a 1870 (FARIAS, 2017, p. 93).

Uma das práticas preferidas de Carolina era pegar seus livros para ler ao sol durante a tarde. A menina se sentava em frente a sua casa para desfrutar suas leituras. Mas o que Bitita não esperava é que sua paixão pela leitura, lhe traria muitos problemas, inclusive ser perseguida em sua cidade. A população sacramentana não conseguia entender uma menina negra não estar trabalhando no “pesado”, e muito menos lendo um livro. (FARIAS, 2017). Enquanto Carolina ainda estava em Sacramento foi denunciada, disseram que a menina lia livros de feitiçaria. “- Assustei-me quando vi os policiais; eles pararam na minha frente e me deram ordem de prisão - conta ela de certa forma calma. - Não perguntei porque estava sendo presa; apenas, obedeci” (FARIAS, 2017, p. 94). Cota, tentando defender a filha, disse que a menina não estava fazendo nada de errado, mas no mundo em que elas viviam, isso já foi o suficiente para levarem as duas.

Foram metidas na cadeia sem dó nem piedade. A acusação é que Carolina estava lendo o livro de São Cipriano para fazer “feitiços” contra os brancos. Não houve quem as fosse auxiliar ou libertar. Se o avô Benedicto estivesse ainda vivo, a coisa seria bem diferente, é verdade, pois apesar de analfabeto era um homem muito respeitado na vizinhança, pela cidade e pelas autoridades locais” (FARIAS 2017, p. 95)

Sofreram muito na prisão, não davam comida a elas e ainda colocaram as duas para capinar a frente da cadeia. No quarto dia, elas não aguentaram mais trabalhar pois estavam muito fracas. Novamente Carolina foi interrogada, mas de nada adiantou. Colocaram a menina de volta à cela e espancaram mãe e filha. As pernas de Carolina inflamaram de vez depois de serem espancadas pelos policiais, e sua mãe totalmente debilitada com o braço

quebrado. “Graças ao primo Paulo, Carolina e mãe foram libertas da cadeia - hei de “considerar o meu primo Paulo e meu único parente”, chegou a dizer textualmente a futura escritora” (FARIAS, 2017, p. 98).

Após esse episódio trágico na vida de Bitita e Cota, elas foram pedir esmolas. Diante toda essa situação Cota pediu novamente que Bitita saísse da cidade. A menina concordou com a mãe. “Por essa razão, por sua pequenina cabeça, de cabelos crespos e curtos, passava um rápido filme sobre a cidade de São Paulo, para onde seu coração, neste exato momento, velozmente se direcionava” (FARIAS, 2017, p. 99).

Mais uma vez, Cota vendo a situação de condenação da menina na cidade onde nasceu, acompanhou Bitita em uma nova aventura, foram para a cidade de Franca. Chegando na cidade, Cota conseguiu um emprego em uma casa. Bitita, “sem emprego, ficava perambulando pelas ruas da cidade, quase sempre, quando a fome lhe apertava, corria direto ao encontro do emprego da mãe, ajudava a varrer o imenso quintal, pois era mais fácil conquistar um prato de comida” (FARIAS, 2017, p. 101). As duas estavam dormindo em um velho circo, chamado Circo do Chicholim, onde o dono era um palhaço argentino que acolheu as duas (FARIAS, 2017, p. 102). Carolina, tanto que desejou que suas pernas saressem que elas foram cicatrizando aos poucos. A menina, ainda muito jovem, já se transformava em uma pessoa amarga e desconfiada de tudo, pelos vários episódios traumáticos que já vivera. (FARIAS, 2017).

A situação da vida de Cota e Bitita não era fácil, não tinham dinheiro para nada. A menina indisciplinada não parava em emprego algum, não gostava de trabalhar como doméstica, sempre esquecendo as panelas na fogo, ou servia as comidas cruas (FARIAS, 2017). Carolina se esforçando de um lado e sua mãe Cota de outro. Cota já muito magra e aparentando uma idade superior a que tinha, pede a filha para que a ajudasse a voltar a Sacramento. Esperando o melhor momento para se encaminhar a São Paulo, a menina

consegue ajudar sua mãe a voltar a Sacramento. “Talvez tenha sido a última vez que Carolina tenha tido contato com a mãe Cota, pelo menos pessoalmente” (FARIAS, 2017, p. 108).

Em meio a essa situação Carolina foi indicada a trabalhar com uma professora que precisava de uma empregada para levar a São Paulo. Carolina Maria de Jesus chegou na cidade de São Paulo em 1937, com 22 anos. Ela ficou muito assustada com a nova cidade que passaria a morar desde então. Sentiu fortemente a distância de sua mãe e família. Assim, para todos e todas, escreveu:

Oh! meu Deus, quanta saudade

Da minha infância ridente

Não conhecia a degradingolada

Que atinge a vida da gente

Era criança. Não pensava!

Que existia sofrimento

Os brinquedo me facinava

Todos momentos

Quando aurora despontava

Eu rodava meu pião

Dos meus colegas eu contava

Estórias de assombração

Hoje é bem triste a minha vida

Porque não seria contente

Estou distante esquecida

Longe dos meus parentes

Um dia deixei minha terra

Minha mãe e meu irmão

Mas, não sabia que era

Eterna separação

Carolina Maria, como passou a ser chamada na nova cidade, logo percebeu que a cidade de São Paulo não era tudo o que ela imaginava (FARIAS, 2017). Não se sabe exatamente quanto tempo Carolina continuou trabalhando com a professora, mas o que tudo indica é que foram alguns meses (FARIAS, 2017). Carolina Maria chegou na cidade com intuito de aprimorar o seu lado como escritora, ou poetisa, como ela adorava falar, passando a frequentar muitas editoras após a grande mudança (FARIAS, 2017).

Vítima das contradições do seu próprio país, Bitita foi morar na cidade de São Paulo, que passava pelo processo de imigração, atraindo pessoas de outros estados brasileiros para o meio urbano. A cidade que até então era habitada, principalmente, pelos imigrantes europeus, passou a receber para trabalhar nas fábricas, nordestinos e negros (SILVA, 2006-2007). Nesse período, o custo de vida em São Paulo era altíssimo (FARIAS, 2017). Iniciava uma nova forma de segregação entre as classes, uma nova divisão sócio espacial, onde a classe popular morava nos espaços baixos enquanto a classe alta habitava nas regiões mais altas, livres de enchentes. Nesse processo de industrialização, ao contrário do que se formará depois, as moradias dos trabalhadores industriais e domésticos eram próximas das fábricas e das mansões (SILVA, 2006-2007).

A capital do Estado, por exemplo, sofre com o aumento da densidade populacional, mas sem estrutura para absorvê-la. A consequência de tudo disso foi a proliferação dos abrigos noturnos, dos cortiços e da favelização desenfreada, surgida, de fato e de direito, no final da década de 1940, início dos anos de 1950 (FARIAS, 2017, p. 114).

Nessa situação, Carolina Maria foi morar na “cidade maravilhosa”, com ela dizia. Não se sabe ao certo quanto tempo Carolina ficou no estado do Rio de Janeiro, mas tudo indica que chegou na cidade em 1940.

Carolina começou a frequentar editoriais de jornais, na luta de se tornar uma escritora,. A escritora dizia que os poemas a perseguiram, que eles não paravam de vir a sua cabeça, e que as panelas sempre queimavam, acabando a ser demitida. “Por isso eu disse ao senhor que a poesia é minha desgraça. Por causa dela eu ando ao léu, pensando e rimando versos” (FARIAS, 2017, p. 117). Como já dito neste capítulo, o sonho de Carolina era ser poetisa e ela foi atrás de seus sonhos como ninguém (FARIAS, 2017). De tanto que escrevia, um jovem pediu para ler seus escritos. Carolina de imediato mostrou, e o jovem lhe perguntou: por que é que ela não apresentava seus escritos aos jornalistas (FARIAS, 2017). Carolina dizia que quando os jornalistas descobriam que ela era preta, mandavam dizer que não estavam. “E, pensando nisso, assim que pode, escreveu esse verso:” (FARIAS, 2017, p. 121)

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.

Carolina teve uma publicação no jornal *A Noite*, que foi resgatado em 1960, quando a mulher preta, alvo do preconceito do jornal, fez sucesso. Carolina sempre dizia que a poesia era seu bem e mal: “O poema, senhor, é todo o meu sonho e todo o meu tormento” (FARIAS, 2017, p. 122). Carolina escreveu outro poema ao jornalista que não assinou a sua matéria: (FARIAS, 2017)

Negros têm todos [os] defeitos

Sofrem sempre humilhação

Se reclamam seus direitos

Nunca os negros tem razão.

Os negros não tem defeitos,

Têm qualidade e valor.

O Judas não era preto

E vendeu Nosso Senhor

Retornando a São Paulo em 1942, Carolina continua suas peregrinações pelos jornais, como na *Época* (matéria sobre Carolina publicado no dia 27 de maio de 1950), *O Dia*, *O Defensor*, *Última Hora*. Carolina por um tempo colaborou com seus escritos para o jornal *O Defensor*, mas depois de alguns poemas enviados, a escritora “deixou registrado que não “podia auxiliar o nobre senhor Jorge Correia”. O motivo, o nascimento do seu segundo filho, José Carlos de Jesus” (FARIAS, 134).

Pouco se sabe dos caminhos de Carolina Maria de Jesus na cidade do Rio de Janeiro, “sabe-se que em seus horários livres ela frequentava cinemas e teatros. Seu nível de leitura também aumentou bastante, pois, o seu linguajar está, visivelmente, cada vez mais se apurando, se sofisticando, com palavras mais rebuscadas” (FARIAS, 2017, p. 137).

Ao retornar a São Paulo, Carolina Maria não queria mais trabalhar como doméstica, queria trabalhar como escritora nas editoras. Lhe entristecia muito perceber que a cidade a qual depositou todos os seus sonhos não lhe acolhia como escritora. Sem ter muitas opções, a jovem não teve como escapar dos serviços que ela menos desejava: os fogões e as panelas, que como ela dizia, não combinavam nada com a poesia (FARIAS, 2017). A maioria das demissões de Carolina era por motivos de queimar as comidas, pois sempre estava fazendo poesia (FARIAS, 2017). Deixou o relato de muitas brigas com suas patroas, e sempre quem saía prejudicada era Carolina, pois não tinha onde ficar quando estava desempregada, a não ser os porões cortiços e albergues noturnos (FARIAS, 2017). “Perdendo um emprego atrás do

outro, sem dinheiro ou conhecidos que a pudessem ajudar, nem parentes próximos, passou a procurar abrigo nas marquises dos edifícios, os cortiços, ou dentro dos prédios em ruínas” (FARIAS, 2017, p. 145). Dali em diante, a vida de Carolina foi ficando cada vez mais difícil, a poeta negra, como foi chamada, passou a viver praticamente como uma “mendiga” (FARIAS, 2017). Em meio a essa situação de miséria que Carolina vivia, ainda descobriu que estava grávida, mas a menina que a princípio teria o nome de Vera Eunice nasceu morta, e que então passou a ser chamada pela mãe de Maria Carolina.

Ter onde dormir ou descansar sempre uma das partes mais difíceis para Carolina.

De acordo com os relatos da própria Carolina Maria, em fins de 1948, os proprietários do terreno onde ela morava, na rua Antônio de Barros, exigiram às autoridades a retomada do imóvel e deram, aos seus “invasores”, o prazo de até sessenta dias para a desocupação (FARIAS, 2017, p. 148).

Isso causou muito desespero aos moradores, que conseguiram entrar em contato com o governador do estado e assim encaminhar um local provisório com caráter permanente, que se chamaria favela Canindé (FARIAS, 2017). Carolina foi morar na favela Canindé apenas quando engravidou de seu primeiro filho João José, por medo que o menino morresse em seus braços nas noites frias das ruas de São Paulo, como acontecia com muitas mulheres. Aos poucos Carolina construiu seu barraco de um metro e meio por um metro e meio. Foi para esse barraco que Carolina levou seu filho recém nascido, que ficava sozinho pelas manhãs, para que sua mãe pudesse ir vender ferros e papéis. “Foi uma luta para cuidar do menino João José e catar papel pelas ruas, atividade que começou a fazer parte de sua vida cada vez mais como alternativa à falta de emprego fixo, à carência de dinheiro e do que comer dentro do barraco” (FARIAS, 2017, p. 157). “O ruim era apenas quando chovia. Triste também era quando trabalhava e vendia a coleta do dia de forma subavaliada, pois os depósitos estavam cheios de espertalhões, ainda mais quando se tratava de mulher” (FARIAS, 2017, p. 158). Desanimada com essa situação de subavaliação, Carolina vai em busca de um emprego fixo

na rádio Piratininga, mas não conseguiu permanecer no emprego que encontrou, pois Carolina já estava em gestação do seu segundo filho João Carlos.

Agora com dois filhos, a vida de Carolina passou a ficar mais difícil. Depois de dez dias de ter parido José Carlos, Carolina não aguentava mais a penúria que estava vivendo, e assim resolve colocar uma cinta pós parto e ir catar papéis para vender. De início, os dois ficavam sozinhos no barraco, depois Carolina conseguiu uma menina que cuidava dos meninos na parte da manhã (FARIAS, 2017). A vida de Carolina estava cada vez mais insuportável, em seu barraco entrava água quando chovia e Carolina, sem muitas opções, colocava seu fogão em cima da cama para poder cozinhar (FARIAS, 2017).

Era uma dolorosa travessia, a que ela vivia, mas necessária em sua vida naquele momento. Por tudo o que já passou, desde sua saída de Sacramento, desde a infância pobre até a sacrificada maior idade, passando pelo interior mineiro e paulista, nada era novidade para ela, mas não precisava continuar a ser assim. Uma vida peregrina, sem graça, sem destino. Na verdade, sua existência parecia uma grande corrida de obstáculos (FARIAS, 2017, p. 169).

Vivendo diariamente na luta por comida e para se tornar uma escritora reconhecida, Carolina passou por muitas situações inesperadas na favela, inclusive sua terceira gestação. Novamente Carolina enfrentava dores e seus nervos à flor da pele, impedindo-a de trabalhar (FARIAS, 2017). Em 1953, três anos após o nascimento de José Carlos, nascia Vera Eunice. Ao contrário dos dois irmãos, a menina nasceu dentro do barraco nas mãos de uma parteira. O pai da menina apareceu no barraco apenas para dizer à Carolina que não era para a mulher o procurar. Sem ninguém a lhe ajudar, Carolina diz que passou muita sede após seu parto e seus outros filhos ficaram todos sujos, indo à beira de sua cama pedir pão (FARIAS, 2017). “No outro dia Carolina já estava lavando roupas. Na favela as mulheres a chamavam de louca, mas tinha gente que a admirava: “que mulher forte”. Muito enfraquecida, quase não podia andar, mas a fome a fez levantar para ganhar o seu sustento” (FARIAS, 2017, p. 176).

Apesar de toda dificuldade, Carolina Maria de Jesus não desistia do seu projeto de ser poetisa. Desde 1940, Carolina passou a frequentar editoras, e quando foi morar na favela já possuía uma bagagem como escritora (FARIAS, 2017).

Depois de muitos anos morando e escrevendo na favela Canindé, Carolina fez sucesso apenas com a publicação do seu primeiro livro: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960. Mas o que já sabemos é que Carolina já era escritora há muito tempo, quando já escrevia seus primeiros versos. É nítido nos escritos de sua obra que quando a autora começou a escrever seu primeiro livro publicado, ela já estava avançada em seu amadurecimento intelectual, ou seja, “dominava a condução de uma história e possuía uma imaginação fabular muito grande (FARIAS, 2017, p. 184).

O encontro entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas (jornalista que ajudou a escritora publicar seu livro) foi por acaso. O jornalista que tinha ido à favela Canindé apenas para realizar uma reportagem sobre o mau uso dos balanços, acabou se deparando com Carolina Maria de Jesus, que dizia aos homens que destruíam o balanço: “Deixa estar que eu vou botar vocês todos no meu livro” (FARIAS, 2017, p. 187). Com muita curiosidade, o jornalista já lhe perguntou: “Livro?”. “Carolina imediatamente lhe respondeu: O livro que estou escrevendo as coisas da favela” (FARIAS, 2017, p. 187). Audálio Dantas se encaminhou diretamente para o barraco de Carolina e lá encontrou o seu diário, que enquanto lia prometia a ela que seu diário viraria um livro (FARIAS, 2017).

Depois de muitos anos lutando para ser reconhecida no campo da literatura, e também lutando contra o contexto que só lhe trazia fome e miséria, Carolina Maria de Jesus foi reconhecida em 1958 pelo jornalista Audálio Dantas. Sua vida, como vimos neste capítulo, foi de muito sofrimento e luta, mas que apesar de tudo isso, nunca desistiu do ato de escrever. Todas as reflexões e questionamentos de Carolina Maria de Jesus trazida pela angústia da fome, fez que a autora, além de conseguir se questionar sobre se aguentaria viver em meio aquela situação de miséria, investia em sua escrita. Como disse Sartre, o sentimento de

angústia não nos leva a dar uma respostas necessariamente ao porquê do que nos questionamos, mas, ao contrário do que lemos nos escritos de Carolina Maria de Jesus, percebemos que a escritora conseguiu acessar seu caminho de liberdade, e em resposta às suas angústias, Carolina tinha seu maior vício, que era o de escrever. A escritora, que agora fazia sucesso, deixa em nota que quanto mais sentia fome, mais escrevia (FARIAS, 2017).

Muitas fugiam ao me ver

Pensando que eu não percebia

Outras pediam pra ler

Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava

Para custear o meu viver

E no lixo eu encontrava livros para ler

Quantas coisas eu quis fazer

Fui tolhida pelo preconceito

Se eu extinguir quero renascer

Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!

E deixo esses versos ao meu país

Se é que temos o direito de renascer

Quero um lugar, onde o preto é feliz.

CAPÍTULO 2 - A INTERIORIZAÇÃO DA ANGÚSTIA DA FOME

Após o reconhecimento de Carolina Maria de Jesus com a publicação do seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e também ter sido considerada *bestseller* no mundo, temos a oportunidade de estudar os escritos que compõem a famosa obra.

A discussão teórica deste trabalho reúne diferentes conceitos que vão nos ajudar a investigar a relação entre interioridade e exterioridade de uma obra literária, buscando mostrar que a escrita não é determinada. De início, abordo como um escritor ou escritora interioriza eventos e/ou problemáticas sócio-históricas em uma obra. Em seguida, apresentarei a diferença entre poesia e prosa, entendendo como a autora Carolina Maria de Jesus desvela sua vida e sua época a partir da forma que escreve. E por último, um breve debate sobre a diferença entre narrar e descrever uma representação artística, apresentando também, o herói problemático em meio ao fetichismo.

A tarefa dos estudos literários a partir da metade do século XIX foi elaborar um método capaz de eliminar a dicotomia entre o externo e o interno de uma obra (CANDIDO, 1965). Segundo Candido, no século passado as obras literárias eram estudadas a partir da perspectiva determinista, colocando-as condicionadas socialmente. O valor da obra era refletido nos seus exageros sociais; baseava-se “dela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial” (CANDIDO, 1965, p. 4). A relação entre a obra e o seu condicionamento social até certa “altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la” (CANDIDO, 1965, p. 3). Está perspectiva sob as obras literárias limitava os processos de investigação que uma obra literária oferece, pois antes que a obra fosse investigada, ela já estava condicionada aos fatores sociais.

No decorrer da história, posições contrárias aparecem como crítica a forma determinista que as obras literárias estavam sendo analisadas, assim, as obras literárias

passaram a ser entendida com “uma uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerando inoperante como elemento de compreensão” (CANDIDO, 1965, p.4). Dessa forma, o campo de pesquisa das críticas literárias nos possibilita analisar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, por várias perspectivas.

A proposta por Antônio Candido, dentro da Sociologia da Literatura, é que para se interpretar uma obra literária é preciso levar em consideração tanto o externo (social) “quanto a convicção de que a estrutura é virtualmente independente”(CANDIDO, 1965, p.4). A convicção de que as estruturas são independentes é o começo para entendermos que a construção de uma obra literária pode estar ou não, em ligação com o mundo social nas críticas literárias.

Para Candido, a forma com a qual se analisa o externo não é colocando-o “como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interna”. (CANDIDO, 1965, p. 4). Quando se trata da Sociologia da Literatura é legítimo estudar qualquer condicionamento sob a obra, podendo investigar diversos aspectos que à invadem, como

pesquisar a voga do livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política, etc (CANDIDO, 1965, p.4).

Investigando a obra, o que interessa é encontrar fatores que atuam em sua organização interna, construindo, assim, sua estrutura peculiar (CANDIDO, 1965). Investigar uma obra através da Sociologia da Literatura nos ensina que a estrutura peculiar de uma obra literária pode estar composta por diversos aspectos, e não apenas um fator. Quanto ao fator social, segundo Candido, é necessário investigar se ela apenas fornece matéria, ou também, valor enquanto essência na obra de arte. Para os autores contemporâneos, o fator social é visto como agente estruturante, e “não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador” (CANDIDO, 1964, p. 5).

Assim, para realizarmos uma análise crítica em uma obra literária é preciso “ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel”(CANDIDO, 1965, p.5). O elemento social dentro de uma obra não expressa “enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudada no nível explicativo e não ilustrativo” (CANDIDO, 1965, p. 7). Segundo Candido, superar o determinismo social na Sociologia da Literatura permite que a pesquisa saia das margens da Sociologia e entre na interpretação estética, transformando o social como fator da arte” (CANDIDO, 1965, p. 7).

Levando em consideração que uma obra possui vários elementos a serem analisados, este trabalho reconhece, dentro da obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a interiorização da problemática social de passar fome como elemento de essência, elemento externo, mas que interiorizado na obra, passa a ser interno, desempenhando assim, um papel na estrutura peculiar da obra, além de ser um aspecto que tem a função de relacionar todos os outros elementos.

Segundo Candido, o processo de construção de uma obra literária não está determinado pelas condições sociais, por isso, quando as obras apresentam elementos que também fazem parte das relações sociais, como a problemática da fome na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a passagem deste elemento externo, para ser elemento interno da obra, passa pelo processo de *interiorização*. Como o movimento de interiorização de acontecimentos externos (sociais) não passam para o interno da obra por maneira determinada, ela se apresenta de forma figurativa. Figurar elementos para dentro da obra é a forma do autor ou autora de transpassar os eventos sociais em sua escrita. Como citado na introdução deste trabalho, a passagem do dia 13 de maio de 1958, escrito por Carolina Maria de Jesus, mostra o processo de interiorização do marco social que libertou perante a lei negros e negras da escravidão, contudo, Carolina figura esse marco relacionando-o com a situação problemática de passar fome que viveras. Pelo processo de interiorização e figurativo, a

autora interioriza a Abolição e figura com a fome, trazendo que a atual escravidão no Brasil é a fome.

Sendo assim, a construção da escrita literária, segundo Candido, se dá pelo processo de *interiorização*, e como esse processo não é determinado pelo social, a construção da obra se mostra pelo figurativo, podendo passar por diversas soluções literárias. A prática de escrever desperta na autora ou autor, uma necessidade de encontrar uma maneira de expressar os sentimentos, para isso, usamos o conceito de solução literária, que é modo da autora de expressar e transpor o mundo que vive para a literatura. Ou seja, a autora figura o processo de interiorização em sua obra e expressa pela solução literária.

Carolina Maria de Jesus emprega várias soluções literárias em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a autora interioriza sua angústia de passar fome por escritas que caminham pela prosa ou poesia, mas principalmente pela prosa. Escrever em forma de *diário* os acontecimentos da favela é também uma solução literária, já que foi uma das formas que Carolina encontrou de transpor suas angústias para a literatura.

A prosa é uma solução literária usada por muitos escritores e escritoras como desvendamento do mundo que os cercam, ela permite que a autora ou autor exponha sua posição diante ao mundo, já que a prosa é um modo de expressar que carrega consigo uma finalidade. No livro *Que é a literatura?*, de Jean-Paul Sartre, há um grande debate sobre a diferença entre o que é escrever utilizando a prosa ou a poesia. Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, utiliza em grande parte a solução literária prosa, mas a autora, que se considerava sobretudo uma poetisa, deixa muitas poesias no decorrer do seu livro também, como no dia 4 de janeiro de 1959, que Carolina escreve: “Antigamente eu cantava. Agora deixei de cantar, porque a alegria afastou-se para dar lugar a tristeza que envelhece o coração” (JESUS, 2014, p. 150). Assim, embora o livro tenha mais elementos que caracterizam como prosa, vamos investigar um pouco também sobre a poesia, que está muito relacionada com as artes, segundo Sartre. Para o filósofo, as artes que

pertencem aos mesmos fatores sociais se influenciam mutuamente, não sendo paralelas, e se diferenciando pela forma e pela matéria. “Uma coisa é trabalhar com sons e cores, outra é expressar-se com palavras. As notas, as cores, as formas não são signos, não remetem a nada que lhes sejam exterior” (SARTRE, 2015,p.15). O pequeno sentido obscuro que habitam as significações carregam alegria e uma tímida tristeza,

lhes é imanente ou trêmula ao seu redor como um halo de calor; esse sentido obscuro é a cor ou som. Quem poderia distinguir o verde maçã da sua ácida alegria? E já não será excessivo dizer “alegria ácida do verde-maçã”? Há o verde, há o vermelho, e basta; são coisas, existem por si mesmas” (SARTRE, 2015, p.16).

Segundo Sartre, não é impossível conferir valor de signos às artes, como, por exemplo, falar em linguagem das flores, mas a partir do momento que se entende uma rosa branca apenas pelo seu significado de “fidelidade”, deixa-se de sentir seu lado obscuro, deixa-se de sentir seu doce perfume, ignora-se seu desabrochar aveludado. Se o olhar atravessa a flor para enxergar apenas a virtude abstrata, esquece-se a rosa (SARTRE, 2015). Assim para Sartre, “não se pintam significados, não se transforma significados em música; [...] o escritor, ao contrário, lida com os significados. Mas cabe distinguir: o império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com a pintura, a escultura, a música”(SARTRE, 2015, p. 18). Assim, por isso, que na perspectiva de Sartre, existe um grande distanciamento do mundo do(a) poeta com o(a) do prosador(a), já que a utilização das palavras pelo(a) poeta não está em aproximação com os significados, e sim, com o desapago dos símbolos.

Os poetas são homens que se recusam a utilizar da linguagem. [...] Eles tão pouco aspiram a nomear o mundo, e por isso não nomeiam nada, pois a nomeação implica um perpétuo sacrifício do nome ao objeto nomeado (SARTRE, 2015, p. 19).

Os poetas se afastam da linguagem padrão, assumem sua identidade poética chegando nas palavras antes de seus significados; como muito bem colocado por Sartre, não é a poesia que serve as palavras, e sim as palavras que servem a poesia. O mundo da linguagem do poeta se mostra ao avesso da normatividade.

Ao contrário da escrita poética, que tem o intuito de se afastar das significações, uma vez que a poesia serve para a escritora ou escritor fugir do mundo dos signos, “a arte da prosa se exerce sobre o discurso, sua matéria é naturalmente significante: vale dizer, as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos” (SARTRE, 2015, p. 26). A escrita que as obras literárias carrega é a prosa, que como disse Sartre, possuem significados. Assim, quando tratamos da prosa, temos que lembrar que o poder desta arte reina nas significações. Sua matéria está nas designações que apontam objetos (SARTRE, 2015). Ou seja, ao contrário da poesia, a prosa se qualifica na linguagem, sendo a escrita que indica “corretamente determinada coisa do mundo ou determinada noção” (SARTRE, 2015, p. 27).

Assim, “se a prosa não é senão o instrumento privilegiado de certa atividade, se só ao poeta cabe contemplar as palavras de maneira desinteressada, temos o direito de perguntar ao prosador antes de mais nada: Com que finalidade você escreve?”(SARTRE, 2015, p. 27). Quando um objeto ganha um nome, este objeto possui uma identificação. O objeto nomeado já não possui mais inocência (SARTRE, 2015).

A cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. É legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: Que aspecto do mundo que você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana (SARTRE, 2015, p. 28-29).

Sendo assim, segundo Sartre, a escrita prosa desvenda algo do mundo em que vivemos. Desvendar através da escrita é causar mudanças. “É no amor, no ódio, na cólera, no medo, na alegria, na indignação, na admiração, na esperança, no desespero que o homem e o mundo se revelam em sua verdade” (SARTRE, 2015, p. 29). Em entrevista ao programa da

Record, Carolina diz sobre seu livro que iria ser publicado: ““escrevi no auge do desespero”, quando as pessoas que estão nervosas “xingam ou pensam na morte” como solução para resolver tudo. “Eu escrevia o meu diário”, revelou ela” (FARIAS, 2017, p. 203-204). Nessa entrevista Carolina dá indícios que sua escrita parte de algo desesperador, que como diz Sartre, é um dos modos que o ser humano se revela em sua verdade. A maioria das passagens do diário, Carolina escreve para relatar a dificuldade que é comprar comida, mostrando sua luta diária para comprar mantimentos aos seus filhos. A maioria das escritas do diário mostra o desespero que era sentir fome e ver seus filhos passando pela mesma situação.

Carolina desvenda sua vida também a partir da prosa quando mostra sua indignação sobre os políticos que nada fazem para acabar com a miséria no Brasil, como no dia 5 de novembro de 1958, que além de escrever sobre as dificuldades que é viver sem ter o que comer, Carolina escreve pela esperança de seu livro ser publicado em outro país, já que no Brasil Carolina havia percebido que sem dinheiro não conseguiria:

... Passei no empório, vendi um litro para o senhor Eduardo por 3 cruzeiros para pagar o onibus. Quando cheguei no ponto de onibus encontrei com o Toninho da Dona Adelaide. Ele trabalha na Livraria Saraiva. Disse-lhe: - Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me varios endereços de editoras que eu devia procurar. ... Vinha pela rua catando os pedaços de ferro que encontrava. Passei na Dona Julita e pedi comida. Ela esquentou comida para mim. A dona Julita deu-me sopa, café e pão. Eu comi lá na Dona Julita. Era tres horas. Fiquei indisposta. Os moveis girando ao meu redor. É que o meu organismo não está habituado com as reconfortantes. ...Preparei a sopa para os filhos. Eles dormiram antes da sopa cosinhar. Quando ficou pronta despertei-lhes para comer. Jantamos e dormimos. Eu sonhei com a Dona Julita. Que havia dito para eu trabalhar para ela que ela pagava-me 4 mil cruzeiros por mês. Disse-lhe que eu ia internar os filhos. E levava só a Vera. Despertei. Não adormeci mais. Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: - “Não chores por mim. Choraes por vós” - suas palavras profetisava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Voce já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pagá-la? É igual o governo do Juscelino! (JESUS, 2014, p. 134).

A prosa permite que o escritor ou escritora denuncie algo do mundo real. A prosa trabalha com a realidade, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (SARTRE, 2015, p. 30). Depois que se entra no mundo dos significados, não se pode fugir mais das palavras que representam o real. Não se pode mais parar de compreender o que já foi entendido.

Portanto, se um escritor decidiu calar-se diante de determinado aspecto do mundo, ou, como diz uma locução corrente, particularmente expressiva, decidiu deixar passar em silêncio, é legítimo lhe propor-lhe uma terceira questão: Por quê você falou disso e não daquilo, e já que você fala para mudar, por que deseja mudar isso e não aquilo? (SARTRE, 2015, p. 30).

Segundo Sartre, a estética ou o estilo do texto dentro da escrita prosa, só é pura quando se torna um acréscimo. A reflexão que o filósofo propõe entre o conteúdo e o estilo é que se precisa pensar de antemão qual assunto será tratado e depois qual a forma que escreverá. Assim, primeiramente, trata-se de saber sobre qual conteúdo escrever e depois decidir como será escrito. Segundo o autor, pode ser que esses dois movimentos aconteçam juntos, mas jamais a estética antes das ideias (SARTRE, 2015). Nada nos dá indício se Carolina pensou primeiro em escrever sobre os acontecimentos da favela, antes que pensasse em ser em forma de diário, mas o que a autora mostra depois do livro pronto, é que independente do dia que fosse, a violência e a fome estavam presentes.

Carolina Maria de Jesus revela sua vida a cada frase que escreve em seu diário *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, seu engajamento nas suas críticas diárias, a partir da escrita, denunciam um mundo de fome, miséria, violência, preconceito, desvendando a realidade cruel de quem vive na favela Canindé. Segundo Sartre, o processo de desvendamento pode acontecer pelo amor, cólera, alegria. Carolina desvenda seu mundo pela tristeza de passar fome e de ver seus filhos na mesma condição, desvenda seu mundo a partir da vida “dura” que é viver em um cenário violento e de miséria. Em uma passagem rápida, Carolina deixa sua anotação do dia 3 de setembro de 1958: “Ontem comemos mal. E hoje pior” (JESUS, 2015, p. 120). Ou o relato do dia 5 de janeiro de 1959, que diz: “Está

chovendo. Fiquei quase louca com as goteiras na cama, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram. As águas estão aumentando e invadindo os quintais dos favelados” (JESUS, 2015, p. 150). O desespero da angústia de não ter o que comer faz com que Carolina escreva em seu diário e desvende suas verdade a partir da prosa. No dia 17 de agosto a autora narra: “Quando fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura. Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e pus no fogo. Nas épocas eleitorais ela diz que luta por nós”(JESUS, 2015, p. 113).

O engajamento da escrita de Carolina Maria de Jesus também se direciona à política: análises sobre o descaso do governo em relação a população que vive na favela são corriqueiras por Carolina em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, como no dia 7 de junho, que a autora escreve:

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só li os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distantes do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: - O arco-íris foge de mim. ... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 2015, p. 54).

O posicionamento de Carolina diante da realidade que presencia diariamente é criticar o mundo de injustiças causadas pelo Estado. A forma com a qual ela diz que os políticos se distanciam do povo que está à margem do rio, e que agora substituem os corvos que outrora rodeavam os lixos, mostra a posição política que autora se põe diante ao cenário brasileiro.

Quando um(a) crítico(a) se propõe a analisar uma obra literária, tem que entender que a obra o está condicionado ao social, por isso, apenas o que lhe resta no momento em que investiga é a liberdade “por origem e por fim” (SARTRE, 2015, p. 47) da escrita. Se a escrita

não está condicionada, a leitura também não está determinado pelo objeto. A leitura, como disse Sartre, “tem fonte permanente na liberdade” (SARTRE, 2015, p. 47).

Assim, a leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores (SARTRE, 2015, p. 47).

Aquele(a) que escreve nunca está sob controle da construção do seu objeto. A princípio podemos pensar que o(a) autor(a) estará moldada ao seu objeto, mas o que temos que entender, é que o ser humano é quem desvela o objeto, e não o contrário. De começo, o objeto pode parecer essencial, o principal fator da escrita, todavia, quem assume o controle e altera o objeto é o criador ou criadora da obra. Desvendar é entender que as manifestações sempre passam pelo ser humano (SARTRE, 2017). Por isso, “a criação passa para o inessencial em relação à atividade criadora” (SARTRE, 2015, p. 39). Mas se é o ser humano é quem desvela, tudo só existe porque há consciência humana? O que Sartre diz sobre isto é que é o ser humano quem dá sentido as coisas, porém, podemos desaparecer agora que a Terra ainda existirá, ou a árvore ainda continuará crescendo. “Assim, à nossa certeza interior de sermos “desvendantes” se junta aquela de sermos inessenciais em relação à coisa desvendada” (SARTRE, 2015, p. 39). Desta forma, por mais que ainda exista a permanência de muitas coisas independente da nossa existência, o objeto não se impõe diante de quem lhe desvenda.

Carolina Maria de Jesus desvenda sua vida e sua época por entender que a situação de miséria a qual vive, e o motivo pelo qual passa fome é oriundo de uma estrutura política baseada na desigualdade social e racista. Dia 13 de junho de 1958, Carolina escreve:

...Vesti as crianças e eles foram para a escola. Eu fui catar papel. No frigorífico vi uma mocinha comendo salsichas do lixo. - Você pode arranjar um emprego e levar uma vida reajustada. Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmei que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Epoca que achamos o mundo maravilhoso. Epoca em que a rosa desabrocha. Depois vai caindo petela por petela e surgem os espinhos. Uns cançam da vida, suicidam. Outros passam a roubar. (...) Olhei o rosto da mocinha. Está com boqueira. ... Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as

ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É o terrestre. É o atacadista. A lentilha está a 100 cruzeiros o quilo. Um fato que alegrou-me imensamente. Eu dancei, cantei e pulei. E agradei o rei dos juizes que é Deus. Foi em janeiro quando as águas invadiu os armazens e estragou os alimentos. Bem feito. Em vez de vender barato, guarda esperando alta de preços: Vi os homens jogar sacos de arroz dentro do rio. Bacalhau, queijo, doces. Fiquei com inveja dos peixes que não trabalham e passam bem. Hoje eu estou lendo. E li o crime do Deputado de Recife, Nei Maranhão. (...) li o jornal para as mulheres da favela ouvir. Elas ficaram revoltadas e começaram chingar o assassino. E lhe rogar praça. Eu já observei que as pragas dos favelados pegam. ...Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservas as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria. (JESUS, 2015, p. 61).

Carolina desvela sua vida ao entender que o mesmo cenário onde pessoas passam fome é onde se joga comida fora. Que enquanto vive uma vida de miséria, comidas estão guardadas na espera que o valor aumentem, como disse no dia 13 de junho. Sendo assim, a escrita prosa carrega consigo o engajamento, pois quando usamos das palavras que representam o real, temos uma intenção de escrita, temos um porquê para estar apontando os significados para um certo objeto. No contexto de Carolina, ela usa da prosa para expressar as problemáticas relacionadas a miséria diante ao mundo que vive.

Usar da prosa fez que Carolina conseguisse narrar o mundo de miséria que vivia. Mas o que ainda podemos investigar sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, é que se autora narrava ou descrevia? Assim, continuando a investigação sob as soluções literárias que um(a) autor(a) pode empregar em sua escrita, partiremos para a investigação das soluções literárias que parte da narrativa ou da maneira descritiva. Juntamente a essa debate, discutiremos também como essas soluções literárias foram entendidas historicamente.

Segundo Goldmann, o marco entre a forma narrativa e a descritiva foi o processo de retificação do mundo. Goldmann diz que antes do processo de retificação, que é o de transpor a vida ao mundo dos objetos, as obras literárias representavam “uma “resposta coerente” para as questões colocados pelo mundo circundante” (FREDERICO, 2005, p. 432).

Goldmann afirma que o ser humano possui uma tendência a coerência, já que temos uma necessidade de interferência nos desafios que o mundo externo nos apresenta. Estas interferências se dão “através de respostas às questões com que deparam” (FREDERICO, 2005, p. 429) o ser humano. “Esse empenho para adaptar-se à realidade segundo as conveniências humanas faz com que os indivíduos tendam a fazer de seu comportamento uma “estrutura significativa e coerente””(FREDERICO, 2005, p. 429). Apesar dessas *estruturas significativas* se modificarem pela influência do ser humano, elas não se dão apenas pelo indivíduo, a constituição destas estruturas é dependente dos resultados do esforço coletivo, “da ação das classes e grupos sociais que se constituem num processo amplo de relacionamento com o mundo, de adaptação e de respostas aos desafios da vida social” (FREDERICO, 2005, p. 429). Esta estrutura a qual nos referimos não são atemporais, pois sempre estão sendo influenciadas e modificadas diariamente.

Para explicar melhor a ligação entre escritor(a), obra literária e grupo social, Goldmann retoma a teoria de Piaget que traz a construção das estruturas mentais por meio das interações sociais (FREDERICO, 2005). A construção dessas estruturas mentais se dão, segundo Piaget, pelo “processo ininterrupto de acomodação e assimilação que conhece diversas fases, durante as quais ele assimila novas estruturas de percepção” (FREDERICO, 2005, p. 429-430). Usando a construção do processo cognitivo, Goldmann diz que o indivíduo, que é o(a) criador(a), é o mediador que materializa em sua obra as respostas de suas expectativas. Ou seja “a criação artística surge como uma resposta significativa e articulada, como expressão das possibilidades objetivas presentes no grupo social” (FREDERICO, 2005, p. 430). Como mediador(a), “o sujeito individual, imediatamente criador, entra em acomodação, em equilíbrio e assimila, sempre em sentido piagetiano, as categorias mentais possíveis do grupo, sujeito transindividual” (FREDERICO, 2005, p. 430).

O estruturalismo genético, abre, assim, o caminho para se estudar a correspondência entre a unidade expressa pela criação cultural e a evolução da estrutura de uma determinada sociedade, a unidade entre as estruturas mentais ou categorias que

organizam a consciência empírica dos grupos sociais e o universo imaginário criado pelo artista (FREDERICO, 2005, p. 432).

“A obra, assim, permite ao grupo entender mais claramente suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos” (FREDERICO, 2005, p. 432). Porém, após o processo de industrialização, “a mercantilização, agora, penetra o “conjunto das manifestações vitais da sociedade”, transformando-a à sua “imagem””(FREDERICO, 2005, p. 435). “A literatura, nesse contexto, expressa o desconforto perante a retificação nascente. No mundo desumanizado, os personagens se debatem em busca de um sentido para a existência”(FREDERICO, 2005, p. 436).

Dentro deste cenário, onde os personagens estão sendo substituídos por objetos, aparece o “herói problemático”, que é o escritor ou escritora que está em crise com o mundo que vive. No mundo da retificação, ““o herói problemático” sai de cena e seu lugar é ocupado pelo processo de dissolução do personagem”(FREDERICO, 2005, p. 436). Após a 2ª Guerra Mundial “registra a vitória definitiva da retificação, o triunfo acachapante das coisas sobre os homens”(FREDERICO, 2005, p. 436). Ou seja, a partir da teoria da retificação, Goldmann problematiza a introdução desta forma de ver o mundo nas bases literárias. “Nesse mundo imóvel, não há lugar nem para a ação nem para a intencionalidade: a descrição detalhista e obsessiva dos objetos reproduz, no plano literário, a fixidez das estruturas sociais e a total desimportância dos homens”(FREDERICO, 2005, p. 436).

Assim, a partir do pensamento de Goldmann, a passagem do mundo pelo processo de industrialização fez que uma nova forma de ver o mundo aparecesse, e que esta também invade a escrita literária, mudando o foco das escritas que expressam as relações humanas para o mundo dos objetos. E por mais que as necessidades de escrita apareçam nos processos históricos, essa “necessidade poder ser, também, a necessidade do artisticamente falso, disforme e ruim” (LUKACS, 1936, p. 53), já que nem todas literaturas denunciam as estruturas que mantêm a relação de poder, que muitas vezes, são as quais mantêm a desigualdade social .

Sobre as maneiras de escrita entre narrar e descrever, Lukács diz: “a literatura acumula exemplos nos quais aparece de forma ainda mais clara o contraste entre os dois métodos, no que concerne à necessidade ou casualidade da representação dos seus objetos” (LUKACS, 1936, p. 50). No debate entre causalidade e necessidade, o autor questiona: como escrever uma história sem o uso das causalidades? E logo já responde: “Nenhum escritor pode representar algo vivo se evita completamente os elementos acidentais” (LUKACS, 1936, p. 50). Porém, o uso da causalidade dentro de uma história não pode aparecer crua, é preciso elevar este aspecto ao plano da necessidade (LUKACS, 1936).

Descrever ou narrar uma representação artística é uma escolha de antemão do escritor ou escritora. A forma com a qual se representa a realidade se funde da necessidade do que se quer mostrar sobre as relações de uma sociedade. Sem dúvidas, uma obra descritiva poderá ter passagens narrativas ou ao contrário, mas “o que nos importa são os princípios da estrutura da composição e não o fantasma de um “narrar” ou “descrever” que constituam um “fenômeno puro”” (LUKACS, 1936, p. 54). As formas como escrevemos não estão dadas, elas são consequências de períodos sócio-histórico, como diz Lukács.

Na literatura de caráter descritivo, o leitor observa os acontecimentos dentro do quadro que o(a) autor(a) da obra constrói a partir da descrição do cenário (LUKACS, 1936). Descrever uma representação artística é dar o papel principal ao “cenário”. O “cenário” é o principal aspecto a ser mostrado dentro do contexto literário, é o “elemento destinado a completar o ambiente”(LUKACS, 1936, p. 53). O quadro, como disse Lukács, assume autonomia das narrativas dos valores humanos, não tendo relação direta com os acontecimentos. “Os personagens são unicamente espectadores – e por isso se tornam, para o leitor, elementos constitutivos, homogêneos e equivalentes” (LUKACS, 1936, p.53), são apenas tintas jogadas sobre o quadro.

Ao contrário da literatura descritiva, na literatura de caráter narrativo, o leitor se depara e participa das histórias humanas. Porém, para que uma obra seja construída com bases

narrativas é preciso que a escritora ou o escritor tenha um conhecimento sobre o mundo que está fora dos privilégios, não vislumbrando apenas o mundo do capital (LUKACS, 1936). “A concepção do mundo própria do escrito não é, no fundo, outra coisa que não a síntese elevada a certo grau de abstração da soma das suas experiências concretas” (LUKACS, 1936, p. 85). Sendo assim, podemos chegar a conclusão, que sem concepções do mundo não podemos construir um bom texto narrativo. No que se refere a Tolstoi, Lukács diz: “Tolstoi não descreve uma “coisa”: narra acontecimentos humanos”(LUKACS, 1936, p. 49). Por isso, a obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* é considerada uma narrativa, já que o principal foco da escritora é narrar acontecimentos entre seres humanos. Além disso, Carolina apresenta uma realidade que não está imersa no mundo da burguesia, muito pelo contrário, suas narrativas interiorizam vidas que passam fome e vivenciam uma realidade de miséria na favela Canindé. A seguir, transcrevo três dias seguidos da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, narrados por Carolina Maria de Jesus. Os dias são 27, 28 e 29 de maio do ano de 1958.

27 de maio... Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do alcool. A tontura do alcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é terrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o deposito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. O Leão pegou o papel, recebi seis cruzeiros. Pensei em guardar o dinheiro para comprar o feijão. Mas, vi que não podia porque meu estomago reclamava e torturava-me. ...Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. ... A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetaculo. E haverá um espetaculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez da minha vida.Chegou a Radio Patrulha, que veio trazer dois negrinhos que estavam vagando na Estação da Luz. 4 e 6 anos. É fácil perceber que eles são da favela. São os mais maltrapilhos da cidade. O que vão encontrando pelas ruas vão comendo. Cascas de banana, casca de melancia e até casca de abacaxi, que é tão

rustica, eles trituram. (...) Estavam com os bolsos cheios de moedas de alumínio, o novo dinheiro em circulação. (JESUS, 2014, p. 44-45).

28 de maio Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Laila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados. E o pior na favela é que as crinaças presenciam. Todas as crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presentear os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé povinho. Depois começam os comentários entre as crianças: - A Fernanda saiu nua quando o Armim estava lhe batendo. - Eu não vi. Ah! Que pena! - E que jeito é a mulher nua? E o outro para citar-lhe aproxima-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez. ...Tem barracões de meretrizes que praticam suas cenas amorosas na presença das crianças. ...Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores. Que chegou numa época oportuna, antes do frio. ...O que eu quero eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam-se ao Norte. ... Aqui na favela há os que fazem barracões para residir e os que fazem para alugar. E os alugueis são 500 a 700,00. E os que fazem barracões para vender. Gasta 4 mil cruzeiros e vendem por 11 mil cruzeiros. Quem fez muitos barracões para vender foi o Tiburcio. (JESUS, 2014, p. 45-46).

29 de maio Até que enfim parou de chover. As nuvens desliza-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E varias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoida vendo as crianças pisar na lama. (...) Percebi que chegaram novas pessoas na favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletarios. Fitei a nova companheira de infortunio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças pauperrimas. Foi o olhar mais triste que presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida. ... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. ...O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja (JESUS, 2014, p, 46).

No decorrer desses três dias, Carolina Maria de Jesus narra acontecimentos que ela vive e também acontecimentos sobre outras pessoas. Narra sobre a sensação de passar fome, dizendo que é horrível ter apenas ar dentro do estômago; narra o efeito que a comida causa no corpo humano, dizendo que nosso combustível é a comida. Carolina constrói a imagem da

favela através das narrativas que constroem personagens que habitam neste ambiente, como na passagem que demonstra como as crianças e mulheres vivem no mundo da favela, ou quando novas pessoas chegam ao infortúnio, como disse Carolina. A favela não tem autonomia diante os acontecimentos humanos, ao contrário, Carolina Maria de Jesus, a partir de suas vivências, constrói seu diário de uma forma que o leitor participa da história literária, entrando no mundo da favela, em que a favela só existe e é pensada em sua obra porque a autora narra os acontecimentos humanos, e não ao contrário.

A crítica de Goldmann sobre as mudanças da escrita pelo processo de retificação vai ao encontro da crítica de Lukács, pois quando Lukács se refere ao método descritivo está se referindo a esse mundo que dá vida aos objetos, deixando de mostrar quais as relações sociais que permeiam o mundo. Já o herói problemático, na teoria de Goldmann, está vinculada ao método narrativo, escrito por Lukács. Ao passo que Goldmann problematiza a retificação das estruturas literárias, Lukács critica o método descritivo, e conforme o primeiro apresenta a imagem do herói problemático, o segundo apresenta a escrita narrativa, à qual dá prioridade aos acontecimentos do mundo humano. Assim, pela problemática de Goldmann, entendemos que as estruturas da literatura se modificaram a partir da mercantilização do mundo, mostrando que o herói problemático diante ao mundo do capitalismo é que o(a) que escolhe o método narrativo, já que ainda é uma forma de mostrar o caos da sociedade capitalista.

Carolina Maria de Jesus se mostra com uma heroína problemática porque não aceita o mundo da mercantilização que estamos inseridos. Apesar de vários outros assuntos que a autora poderia escrever, ela ainda mantém seu posicionamento em criticar a estrutura do racismo e da desigualdade social, mantendo sua escrita principalmente às narrativas.

Diante todos os conceitos acima apontados para a mesma obra literária, chegamos a conclusão que a escrita de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo: diário de*

uma favelada, é construída, principalmente pela solução literária prosa, já que sua escrita possui uma finalidade no mundo, seu desvendamento e engajamento para com a escrita mostra sua posição diante ao mundo, qualificando, assim, sua obra como uma narrativa, por Carolina apresentar em sua literária as relações humanas. E tanto a prosa quanto as narrativas, segundo a análise deste trabalho, são os resultados da interiorização da angústia da fome, que passam pelo processo do processo criativo de cada escritora ou escritor, mostrando a subjetividade da escrita literária.

CAPÍTULO 3 - FOME, FAVELA, CAROLINA E SEUS ESCRITOS

Era um tormento. Eu não dormia. Começava escrever às seis da tarde, e amanhecia. Se eu pudesse comer, ficava calma. Mas enquanto não escrevesse muito, muito, sentia uma aflição que me dava desespero. Sempre foi assim (FARIAS, 2017, p. 210 apud JESUS, p. 36-37, 1960).

A cada momento que investigamos mais sobre Carolina Maria de Jesus, mais encontramos indícios em suas narrativas ou entrevistas, que o modo da autora se libertar da angústia de passar fome era escrevendo. Seu sonho, ainda quando criança, era de ser uma grande escritora, podendo mostrar para o mundo seus poemas, romances, diários, músicas e dramaturgias. Depois de tantos anos lutando contra a fome que muito esteve presente também na vida de sua mãe e de seus filhos, Carolina publica seu primeiro livro em 1960.

No decorrer do primeiro livro publicado de sua autoria: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a escritora se questiona e questiona a sociedade política e civil sobre a realidade de passar fome, e ainda como forma de conseguir se libertar da liberdade de se questionar, Carolina Maria de Jesus escreve sobre sua rotina na primeira favela de São Paulo. A escritora interioriza em sua obra sobre a violência, brigas, racismo, política, fome, miséria, trabalho e também, de forma geral, como as relações se dão no mundo da favela.

Carolina Maria de Jesus começa escrever seu diário no mês de julho de 1955. Iniciando o diário na metade do mês, Carolina de princípio já mostra a importância desse dia: era aniversário da Vera Eunice, filha de Carolina. A escritora e que também é mãe, narra que gostaria de presentear sua filha com um par de sapatos, mas que os valores dos alimentos eram muito altos para conseguir realizar os desejos.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (JESUS, 2014, p. 11).

Nesse mesmo dia Carolina já apresenta a grande dificuldade que é criar seus filhos na favela. Escreve que foi atrás de João José a noite e que não saiu para catar papel porque estava com dores no peito. Antes de dormir, Carolina ainda conta que esperou “um certo alguém” que não veio. “Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!” (JESUS, 2014, p. 11). E assim Carolina despertou no dia 16 de julho, indo buscar água, como de costume. “Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha” (JESUS, 2014, p. 12). Ainda indisposta, Carol resolve se benzer para ir trabalhar.

Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barraco, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça” (JESUS, 2014, p. 12).

Depois que Carolina fez o almoço para seus filhos, deixou os três em casa brincando para ir trabalhar. “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso” (JESUS, 2014, p. 12). Ao retornar para seu barraco, João José avisa a sua mãe que estavam dando comida na rua Vergueiro 103. Carolina ganhou arroz, feijão e macarrão, e assim escreveu: “O nervoso interior que eu sentia ausentou-me. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me” (JESUS, 2014, p. 12). Carolina ainda quando morava em Sacramento já gostava de sentar ao sol para ler, tanto é que, de forma geral e injusta, foi um dos motivos de ir presa com sua mãe. Até mesmo na favela, anos depois, a escritora não abandonou o hábito.

No dia 17 de julho, Carolina amanhece dizendo que o dia está lindo, apesar de ter que dividir o único pão para os três filhos. Em seguida já reclama de sua vizinhança:

Hoje é a Nair Mathias quem começou impricar com os meus filhos. A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando . E eu estou revoltada com o que as crianças presenciavam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! seu eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente (JESUS, 2014, p. 14).

Carolina odiava morar na favela, seu sonho era sair daquele ambiente que só lhe trazia decepções. Nesse dia ainda, Carol saiu para catar papel e encontrou muitas pessoas no caminho que ficou conversando. Uma delas lhe perguntou: “- Sarou as pernas?” (JESUS, 2014, p. 15), e ela respondeu: “- Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no Carnaval, com minhas fantasias de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Netto”(JESUS, 2014, p. 15). “Depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão” (JESUS, 2014, p. 15), disse a escritora.

No dia 18 de julho, Carolina acordou alegre e contente. Recebeu 60 cruzeiros, em que comprou pão, leite e pagou uma dívida. Quando retornou a favela, escreve: “cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora” (JESUS, 2014, p. 15). Neste dia Carolina narra muito sobre a perturbação de suas vizinhas por causa de seus filhos: “o que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar minha escassa tranquilidade interior (...). Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo”(JESUS, 2014, p.16). E ainda complementa: “a única coisa que não existe na favela é solidariedade”(JESUS, 2014, p. 16). Esse dia, Carolina estava inspirada em escrever os acontecimentos da favela. A escritora narra a vida de uma moradora da favela alcoólatra, que toda vez que está grávida, bebe tanto que seus filhos morrem antes que completassem um ano de idade. E continua: “ela odeia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter rádio” (JESUS, 2014, p. 17). Nessa situação que desagrada muito à Carolina, até porque essa mulher joga água em seus filhos, José Carlos disse à mãe: “Não fique triste

mamãe! Nossa senhora da Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora” (JESUS, 2014, p. 17). Esse dia Carolina ainda foi catar papel para conseguir dinheiro para pagar a luz: “Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui catar papel. (...). Quando cheguei liguei o radio para saber as horas. Era 23,55. Esquentei comida, li, dispi-me e depois deitei. O sono surgiu logo” (JESUS, 2014, p. 17). É importante analisar nesse dia a força de vontade de Carolina em escrever. A autora constrói uma grande narrativa do seu dia, mostrando muitas de suas perturbações e o trabalho que tem para conseguir cuidar de seus filhos na favela. Além de ir ler a noite, depois de todo um dia exaustivo.

Na maioria do seus dias, Carolina interioriza em sua diário o momento que vai trabalhar, bem como o valor que recebe e qual comida compra para levar aos seus filhos, que sempre estavam lhe esperando na favela. Os primeiros dias que Carolina escreveu em seu diário foram os que ela mais deu informações de como era viver na favela com as dificuldades da miséria, de trabalhar catando papéis e ainda cuidar de seus três filhos.

No dia 19 de julho, como de costume, Carolina acordou e logo já foi buscar água. Neste dia lhe perguntaram o que significava a bandeira que tinha as siglas P.S.B. Ficaram conversando sobre o político Ademar de Barros, que pertencia ao Partido Socialista do Brasil, até que a lata de Carolina enchesse. Em seguida, foi receber o dinheiro que tinha vendido o papel: “55 cruzeiros. Retornei de pressa, comprei leite e pão. Preparei Toddy para as crianças, arrumei os leitos, puis feijão no fogo, varri o barraco” (JESUS, 2014, p. 18). Carolina narra que deu 16 cruzeiros ao senhor Ireneo para que ele fizesse um balanço em seu quintal, tentando evitar que a vizinhança arrumasse problemas com seus filhos. Depois de preparar o almoço, Carolina foi catar papel, mas sempre que deixava seus filhos sozinhos na favela, ficava muito preocupada, dizendo: “Trabalhei de pressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de

invadir o meu barracão e maltratar meus filhos” (JESUS, 2017, p. 19). Nesse mesmo dia, Carolina ainda deixa registrado:

As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulando uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse: - Que mamãe boa! Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhe joga pedras. Elas diz: - Que crianças mal iducadas! Eu digo: - Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo o que aqui se passa. E tudo o que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradaveis me fornece os argumentos. A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse: - Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca. Eu disse: - Está certo. Quem dorme no Albergue Noturno são os indigentes. Não tem recurso e o fim é mesmo nas malocas, e Você, que diz nunca ter dormido no Albergue Noturno, o que veio fazer aqui na maloca? Você era para estar residindo numa casa própria. Por que a sua vida rodou igual a minha? Ela disse: - A unica coisa que você sabe fazer é catar papel. Eu disse: - Cato papel. Estou provando como vivo! ... Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue a favela. Há os que prevalecem do meio em que vive, demosntram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adocece e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. ...Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cançada e não tenho sono. Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o escencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam comprar pinga e dá as crianças para beber. E diz: - Ele tem lumbriga. Os meus filhos reprovam o alcool. O meu filho João José diz: - Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem radio, não faz uma casa de tijolo. O dia de hoje foi benefico. As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas . Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervos que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada me imprecionar-me profundamente. Não me abato (JESUS, 2014, p. 20-21).

São vários dias que Carolina escreve sobre sua convivência com as mulheres dos outros barracos e também sobre o grande problema da bebida alcoólica dentro das relações da favela, gerando muita morte de crianças e também cenas de violência. A passagem sobre seus filhos mostra o grande amor que a mãe escritora tinha para com todos, apesar de estarem

residindo no inferno, como diz a escritora. Carolina Maria de Jesus se angustia muito por ter que criar seus filhos em um ambiente como a favela, onde a violência, as brigas e a pobreza são os principais fantasmas nas vidas que habitam esse espaço. Ela diz: “já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna” (JESUS, 2014, p. 22). Além disso, em 1955, Vera Eunice tinha dois anos de idade e não gostava de ficar em casa, Carolina saía com a menina nos braços e a sacola de papéis na cabeça, e escreve: “preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu” (JESUS, 2014, p. 22).

Ainda que muitos fossem os aborrecimentos de Carolina, ela nunca desistia de escrever, no dia 20 de julho, relata: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 2014, p. 22). No dia 21, ainda de julho de 1955, Carolina estava sentada na calçada escrevendo, quando passou um senhor e a questionou o que ela escrevia. Ela respondeu: “Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana” (JESUS, 2014, p. 24). Esse dia Carolina estava alegre e diz que pediu aos vizinhos para que não os aborrecessem, pois aquele dia era o dia dela. “Passei o resto da tarde escrevendo” (JESUS, 2014, p. 24). Ainda no final da tarde, Carolina foi trabalhar. “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o radio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2014, p. 24).

Em seus escritos, Carolina sempre diz muito sobre seu amor em ler e também de ter tempo para escrever. Sua paixão pelo mundo da escrita e das leituras, geralmente, são prioridades no que a autora interiorizada em seu diário. Dia 22 de julho, ela diz: “...Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 2014, p. 25). Sobre a favela, ela se angustia e escreve: “é o pior cortiço que existe” (JESUS, 2014, p. 25), “se eu pudesse mudar

desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno” (JESUS, 2014, p. 26). E apesar de viver em um lugar que não aprova, Carolina lembra seus leitores: “Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço” (JESUS, 2014, p. 25). Dia 23 de julho faz referência novamente a sua paixão em escrever, após um homem bater em sua porta para pedir uma informação e dizer que nunca viu uma mulher preta gostar tanto de livros, como Carolina, ela interioriza sua reflexão sobre a vida, em sua obra: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (JESUS, 2014, p. 26).

Viver na favela, como disse a autora, parecia mais um inferno, no dia 27 de julho Carolina conta que já fazia dois dias que não saía para catar papel pois seu barraco estava visado, além de escrever sobre um pretendente, que dizia para ela ir ao quarto dele. “Disse-lhe: Não! É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém” (JESUS, 2014, p. 27). No último dia que Carolina escreveu do ano de 1955 foi para dizer que haviam queimado cinco sacos de papel dela: “Não estou ressentida. Já estou tão habituada com a maldade humana. Sei que os sacos vão me fazer falta” (JESUS, 2014, p. 28). E quanto à isso já não temos dúvidas, pois desde quando Carolina saiu da casa de sua mãe e até mesmo em Sacramento, encontrou muitas pessoas abomináveis, que lhe recusaram ajuda ou que lhe enganaram.

Carolina retorna seu diário no dia 2 de maio de 1958, quase três anos depois da primeira data do diário:

Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo. ... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operarios. ... Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doiam tanto que eu não podia andar. Começou a chover. Eu ia na Delegacia, ia levar

o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos está com 9 anos (JESUS, 2014, p. 28).

É notável o amadurecimento da escrita de Carolina Maria de Jesus quando ela retorna a escrita de seu diários após três anos. A partir de 1958, a escritora demonstra mais suas angústias da fome. A maioria dos seus dias, Carolina escreve sobre suas reflexões motivadas pela falta da comida, incluindo as calamidades que a fome trás, e também como os políticos não fazem nada para mudar essa realidade, como no dia que escreveu: “O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para descrevê-la” (JESUS, 2014, p. 29) ou quando escreve: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças” (JESUS, 2014, p. 29). No dia 10 de maio de 1958, Carolina vai a delegacia e o tenente lhe fala

que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, por que não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou um pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades (JESUS, 2014, p. 29).

Carolina possui uma escrita muito crítica diante dos governantes do Brasil, no dia 15 de maio de 1958, ela narra: “Os politicos só aparecem aqui nas epocas eleitorais. (...) Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 32). Ou quando escreveu no dia 16 de maio sobre o processo de desencantamento do povo para com o governo quando há muitas dificuldades: “Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos politicos” (JESUS, 2014, p. 33).

A tristeza é tanta de Carolina em morar na favela e ver seus filhos passando fome junto com ela, que em alguns dias de seu diário, a escritora interioriza em sua escrita o desejo da morte. A angústia pode ser o questionamento de vários aspectos que circulam nossa vida, nesse caso, a angústia que Carolina sente parte de um questionamento se ela suportará aquela vida de miséria que levava:

22 de junho ... Saí triste porque não tinha nada em casa para comer. Olhei o céu. Graças a Deus não vai chover. Hoje é segunda-feira. Tem muitos papeis nas ruas. No ponto do bonde, eu me separei da Vera. Ela disse: - Faz comida, que eu vou chegar com fome. A frase comida ficou eclodindo dentro do meu cérebro. Parece que o meu pensamento repetia: Comida! Comida! Comida! Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom. ... Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao da minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome (JESUS, 2014, p. 175).

No dia 22 de junho, Carolina interioriza sua angústia de temer não conseguir suportar a miséria que vivia. Como escreve no dia 17 de maio também: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobre estão mal colocados, para que viver?” (JESUS, 2014, p. 33), ou no dia 24 de julho de 1959:

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci como fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estavam recheiada com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o unico feijão para cosinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. Fui na Dona Guilhermina, na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela um pouco de arroz. Ela deu-me arroz e macarrão. [...]. Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comer. Reanimei-me. Acalmei o espirito. Fui ao Senhor Manoel vender as garrafas. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 10 de pão e um cafezinho. ...Cheguei na favela, fiz o almoço e fui lavar roupas. 3 semanas sem lavar roupas por falta de sabão. As visinhas ficaram horrorizadas vendo a quantidade de roupas que eu lavei [...] (JESUS, 2014, p. 99-100).

Angustiar-se, como disse Sartre, não nos traz uma solução para o motivo do auto questionamento. E como Carolina poderia resolver o problema da fome em sua vida, se essa óbice social é oriunda de uma problemática estrutural? Uma das formas de Carolina se libertar

desse sentimento de angústia, que também é uma forma de libertação, era escrevendo. Escrever também traz feições a liberdade enquanto indivíduo, mas não da miséria que Carolina levava. No dia 16 de junho de 1959, a angústia da fome novamente convida a escritora ao suicídio, e ela escreve:

...Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheio de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2014, p. 174).

Ou no dia 28 de julho em que novamente Carolina expressa sua vontade de suicídio por não ter o que comer e ver seus filhos na mesma condição:

.... Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até o fim a morte deve ser considerado herói. [...] Encontrei com a dona Nenê, a diretora da Escola Municipal, professora do meu filho João José. Disse-lhe que ando muito nervosa e que tem hora que eu penso em suicidar. Ela disse-me para eu acalmar. Eu disse-lhe que tem dia que eu não tenho nada para os meus filhos comer (JESUS, 2014, p. 102).

O sofrimento em ver sua família sem nenhuma condição vai a cada dia mais desanimando Carolina da vida. Como escreve no ano de 1959:

30 de julho... Ganhei 15 cruzeiros e passei no sapateiro para ver os sapatos da Vera estavam prontos, porque ela reclama quando está descalça. Estava pronto e ela calçou o sapato e começou a sorrir. Fiquei olhando a minha filha sorrir, porque eu já não sei sorrir (JESUS, 2014, p. 102).

E também no dia 12 de outubro de 1959: "... Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente? (JESUS, 2014, p. 125).

São dias e dias, anos e anos, sofrendo por passar fome. Muitos dos dias de Carolina, ela escreve sobre essa realidade de miséria em que vive. Sem dúvidas, Carolina ressignifica

em sua obra outros assuntos, mas ainda em torno da angústia da fome, como por exemplo acerca sobre o efeito que a comida faz no corpo. Como no dia 27 de maio de 1958 que Carolina compara o efeito da fome com o efeito do álcool, narrando:

... Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o depósito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. O Lean pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me. Resolvi tomar uma medicação e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. ... A comida no estômago é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (JESUS, 2014, p. 44-45).

No dia 23 de março de 1958, Carolina constrói um diálogo com o arroz e o feijão, e antes, diz sobre o espetáculo de ver a gordura na panela, além de falar de política e também do que é ser negro:

Levantei de manhã triste porque estava chovendo. (...) O barraco está numa desordem horrível. É que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por um hábito. Mas é as latas. Se tivesse sabão eu ia lavar as roupas. Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. É igual a nós que não gostamos de favela, mas somos obrigados a residir na favela. ... Fiz comida. Achei bonito a gordura fringindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festas para eles. Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no

quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá. Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo o que nos rodeia. ... Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos (JESUS, 2014, p. 42-43).

Nesse dia ainda, Carolina contempla a natureza e admirando, escreve:

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E os astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (JESUS, 2014, p. 43).

Como dito no capítulo anterior, Carolina não usa apenas da prosa para compor seu diário. Suas passagens poéticas também fazem parte da famosa obra da escritora. Apesar da autora trabalhar na maioria de sua escrita com a prosa, suas fugas da normatividade da escrita sempre estão presentes, como nas passagens: "... O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja"(JESUS, 2014, p. 46). "O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor publico"(JESUS, 2014, p. 53). "As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginarios"(JESUS, 2014, p. 60). "... Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o racional. É o terrestre. É o atacadista" (JESUS, 2014, p. 60). "Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade"(JESUS, 2014, p. 81). "A cidade é um morcego que chupa o nosso sangue" (JESUS, 2014, p. 182). "Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranhas-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela"(JESUS, 2014, p. 41).

Com tantas dificuldades de permanecer em um Brasil que deixou o povo negro sem nenhuma garantia de sobrevivência, que simplesmente abandonou às margens da sociedade, Carolina usa o termo quarto de despejo para se referir ao ambiente que mora, e desse lugar, a escritora interioriza muita violência e pobreza, como narra

Carolina, na maioria dos seus dias entra no dilema da comida em sua vida, já que o que a escritora ganhava catando papel era muito pouco para comprar o que ela precisava dentro de casa, como escreve no dia 3 de junho de 1958:

... Quando eu estava no ponto de bonde a Vera começou a chorar. Queria pasteis. Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moida. A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar os pasteis, ela comia e cantava. E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida! Tomei o bonde. A Vera começou a chorar porque não queria ir em pé e não tinha lugar para sentar. ... Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores do que nós? Será que o predomínio de lá suplanta o nosso? Será que as noções de lá é variada igual aqui na terra? Ou é uma nação unica? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 2014, p. 50).

Ou no dia 25 de agosto de 1959: “Fui buscar agua e fiz café. Não comprei pão. Não tinha dinheiro” (JESUS, 2014, p. 117). A fome dentro da favela está presente na maioria dos barracos que compõe esse ambiente, umas das alternativas de quem passa fome é comer comida do lixo. Carolina, muitas vezes em seus escritos, deixa muito claro sua opinião sobre comida do lixo, diz que não gosta dessa ação, já que nunca sabemos da onde vem esses alimentos. Carolina conta que um dia encontrou um menino que comia carnes que foram achadas no lixo, e que a aparência do alimento era horrível; no outro dia o menino amanheceu morto. Carolina sempre estava no dilema do que comprar com o pouco dinheiro que tinha.

Carolina trabalhava muito para conseguir manter seus filhos, mesmo que em situação de miséria. Acordava todos os dias cedo já para buscar água na torneira e passar o café, para depois ir catar papel e conseguir dinheiro para comprar alimentos para o almoço. Na maioria das vezes, Carolina recebia uma quantidade de dinheiro que ela sempre tinha que escolher entre os alimentos a comprar. Sua vida era muito “dura”, e muitos de suas narrativas mostram

como era ser uma mulher negra, pobre e favelada. Todos os dias, Carolina narra alguma dificuldade de sua vida, seja nos acontecimentos de violência na favela, seja a falta da comida ou quando está doente e não consegue sair para trabalhar, tendo que assistir seus filhos passarem fome. Dia 10 de julho de 1958, Carolina escreve:

Deixei o leito as 5 e meia para pegar agua. Não gosto de star entre as mulheres porque é na torneira que elas falam de todos e de tudo. Estou tão indisposta que se eu pudesse deitar um pouco! Mas eu não teho nada para os meninos comer. O unico geito é sair. Deixei o João estudando. Ganhei só 10,00 e achei metais. Achei um arco de pua e um estudante pediu-me. Dei-lhe. Ele deu-me 3 cruzeiros para um café. (...) Passei na feira. Comprei batata doce e peixe. Quando cheguei na favela era 12 horas. Esquentei comida para o João e fui ajeitando o barracão. Depois fui vender umas latas e ganhei 40 cruzeiros. Retornei a favela e fiz jantar. A Deolinda e o seu esposo que foram na Radio Patrulha ainda não voltaram. Será que ficaram presos. Cai a tarde lentamente. Já estão chegando os crentes, com seus instrumentos musicaes para louvar a Deus. Aqui na favela tem um barracão na rua B onde os crentes vem rezar treis vezes por semana. Uma parte do barracão é coberto com folha de flandres e a outra de telha. Tem dia que eles estão rezando e os vagabundos da favela jogam pedras no barracão e quebram as telhas. As que cai em cima das folhas faz barulho. Mesmo sendo insultados eles não desanimam. Aconselha os favelados para não roubar, não beber e amar ao proximo como a si mesmo. Os crentes não permite a entrada das mulheres que usa calças e nem vestidos decotados. Os favelados zombam dos conselhos. - Se eu fosse jovem eu não residia nesta favela nem um dia. Mas eu já sou velha. E velho não se governa. Aqui nesta favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo. E os pinguços que durante o dia estão oculto a noite aparecem para atentar. Percebo que todas as pessoas que residem na favela, não aprecia o lugar (JESUS, 2014, p. 90-91).

Ou no dia 11 de julho, em que novamente Carolina acorda as 5 horas da manhã para ir buscar água:

Já estava cansada de escrever e com sono. Mas aqui na favela não se pode dormir, porque os barracões são umidos, e a Neide tosse muito, e desperta-me. Fui buscar agua e a fila já estava enorme. Que coisa horrivel é ficar na torneira. Sai briga ou alguem quer saber a vida dos outros. Ao redor da torneira amanhece cheio de bosta.

E quem limpa sou eu. Porque as outras não interessamQuando cheguei na favela estava indisposta e com dor nas pernas. A minha enfermidade é física e moral (JESUS, 2014, p. 91).

A maioria dos dias Carolina narra como é difícil viver na favela Canindé, como é difícil depender de um trabalho que não supri as necessidades da família, já que catar papel no Brasil é um profissão destinada a classe mais subalterna. Carolina catava papéis para se alimentar e também alimentar seus filhos. Carolina sempre dizia que os compradores pagavam um valor muito baixo pelos objetos levados por ela, ou até mesmo o desespero de não achar papéis pelas ruas paulistanas. Dia 2 de setembro de 1959, Carolina narra:

Acendi o fogo e esquentei comida para os filhos porque não tinha dinheiro para comprar pão. Troquei os filhos que foram para a escola. E eu saí com a Vera. Quase fiquei louca. Porque havia pouco papel na rua. Agora até os lixeiros avançam no que os catadores de papeis podem pegar. Eles são egoístas. Na rua Paulino Guimarães tem um deposito de ferro. Todos os dias eles põe o lixo na rua, e lixo tem muito ferro. Eu catava os ferros para vender. Agora, o carro que faz a coleta, antes de iniciar a coleta vem na rua Paulino Guimarães e pega o lixo e põe no carro. Nogentos. Egoístas. Eles ja tem emprego., tem hospital, farmacia, medicos. E ainda vende no ferro velho tudo que encontra no lixo. Podia deixar os ferros para mim. ... Passei a tarde arranjando as latas. Depois fui na Bela Vista buscar um caixote. Quando eu passava perto do Frigotifico o caminhão de ossos estava estacionado. Pedi uns ossos para o motorista. Ele deu-me um que eu escolhi. Tinha muita gordura. Fiz a sopa e comecei a escrever. A noite surgiu. O João jantou-se e deitou-se. Puis a Vera no berço. O José Carlos estava na rua, com medo de apanhar, porque ele é muito porco. Sujou a camisa de barro. Eu fiz um chiqueiro e vou por ele morando com o porco. Hãõ 0,dssssssssde dar-se bem. A Pitoca passou na rua convidando o povo para ir ver o cineminha. Chamou o João. Eu disse que ele já estava dormindo. Fui ver o cineminha. Era desenho de igreja. No Play Boy que o Adhemar pois aqui para as crianças, a noite são os marmanjos que brincam. O Bobo fazia tanto barulho que deturpava o espetaculo. Os favelados pizam no fio elétrico que liga a maquina. E a maquina desligava. Os proprios favelados falam que favelado não tem iducação. Pensei: vou escrever. Quando eu voltava encontrei com o Paulo que vive com a Dona Aurora. Ela tem um filha mulata clara. Ela diz que a filha é filha do Paulo. Mas, as feições não condiz. ... Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las.

Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus ageadecimentos (JESUS, 2014, p. 119-120).

Carolina era uma mulher que se interessava muito pela arte, principalmente pela arte de escrever, e também pela arte de poder viver desfrutando dos desejos da vida, como ainda disse criança, quando era chamada de Bitita. Quando criança, Carolina tinha muitos sonhos que foram destruídos pela miséria. Suas narrativas interiorizam diariamente o horror que é morar em uma favela e sempre estar em falta com a comida, por mais que saísse para trabalhar todos os dias. Dia 17 de agosto de 1959, ela escreve:

... Quando eu fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura. Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e puis no fogo. Nas epocas eleitoraes ela diz que luta por nós (JESUS, 2014, p. 113).

A vida de Carolina exigia muito dela: catar papel, carregar ferros e tudo o que ela achava pelas ruas prejudicava muito sua saúde, além do preconceito racial e discriminação que Carolina Maria de Jesus passava. Em agosto, dia 14, Carolina narra:

... O Ditinho filho da Nena é um veterano da favela. Mas é um pelado. Não aprendeu a ler. Não aprendeu um ofício. Só aprendeu a beber pinga. A Nena tinha um barracão na Rua do Porto. Bem construido. Mas o Tiburcio tapeou a pobre Nena. Trocou os barracões. Deu-lhe um mal construido e ficou com o dela. Depois, ele vendeu por quinze mil cruzeiros. ... Fui até o Deposito, ganhei 15 cruzeiros. Passei no sapateiro, para mandar ele concertar os sapatos da Vera. Fiquei percorrendo as ruas. Estava nervosa, porque estava com pouco dinheiro, e amanhã é feriado. Uma senhora que regressava da feira disse-me para eu ir buscar papeis na rua Porto Seguro, no prédio da esquina, 4 andar, 44. Subi no elevador, eu e a Vera. Mas eu estava com tanto medo, que os minutos que permaneci dentro do elevador pareceme seculos. Quando cheguei no quarto andar respirei aliviada. Tinha a impressão que estava saindo de um tumulto. Toquei a campainha. Surgiu a dona da casa e a criada. Ela deu-me um saco de papeis. Os dois filhos dela conduziu-me no elevador. O elevador em vez de descer, subiu mais dois andares. Mas eu estava acompanhada, não tive receio. Fiquei pensando: a gente fala que não tem medo de nada, as vezes tem medo de algo inofensivo. No sexto andar o senhor que penetrou o elevador olhou-me com repugnancia. Já estou familiarisada com estes olhares. Não entristeço. Quiz saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dado-me uns jornaes. Era este o motivo da minha presença no

elevador. Perguntei-lhe se era medico ou deputado. Disse-me que era senador. O homem estava bem vestido. Eu estava de descalça. Não estava em condições de andar no elevador. Pedi ao jornalista para ajudar-me a por o saco nas costas, que o dia que eu estivesse limpa eu lhe dava um abraço. Ele sorriu e disse-me: - Então já sei que vou morrer sem receber o teu abraço, porque voce nunca está limpa. Ele ajudou-me por os papeis na cabeça. Fui na fabrica, depois fui no senhor Rodolfo. Ganhei mais 20 cruzeiros. Depois fiquei cançada. Voltei para casa. Estava tão cançada que não podia ficar de pé. Tinha a impressão que ia morrer. Eu pensava: se eu não morrer, nunca mais hei de trabalhar assim. Eu estava com falta de ar. Ganhei 100 cruzeiros. ... Fui deitar-me. As pulgas não me deixou em paz. Eu já estou cançadadesta vida que levo (JESUS, 2014, p. 110-111).

Com os passares dos meses, Carolina se mostra, através de sua escrita, cada vez mais desanimada para com o mundo que vive. Sem comida, sem dinheiro, sem casa de alvenaria e sem esperanças, a escritora interioriza até mesmo sua vontade de suicídio que partem de sua situação paupérrima, já que no país em que vivemos a miséria é real, principalmente para a pele negra. Mulher negra e favelada, Carolina também era vítima de racismo. Desde sua infância, a população sacramentana não aprovava a menina ler seus livros que tanto amava. Ler na vida de Carolina sempre causou muito incômodo aos indivíduos que reproduzem o racismo e que se incomoda ao ver uma mulher negra escrevendo. Muitas passagens do obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina interioriza momentos de sua vida que expressam a estrutura racista que ainda vigora no Brasil. Dia 16 de junho, Carolina escreve:

... O José Carlos está melhor. Dei-lhe uma lavagem de alho e uma chá de hostelã. Eu zombei do remedio da mulher, mas fui obrigada a dar-lhe porque atualmente a gente se arranja como pode. Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Levas nas tinas, cosinhar com lenha. ... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de negro onde põe, fica. É obdiente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações , eu quero voltar sempre preta. ... Um dia um branco me disse: - Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro tambem. A natureza não seleciona ninguem (JESUS, 2014, p. 64-65).

No dia 11 de agosto de 1959, Carolina Maria de Jesus interioriza outra situação de racismo em sua obra, escrevendo:

... Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatorio. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibatada? Assustei quando ouvi meus filhos gritar. Conheci a voz da Vera. Vim ver o que havia. Era o Joãozinho, filho da Deolinda, que estava com um chicote na mão e atirando pedra nas crianças. Corri e arrebatelhe o chicote das mãos. Senti o cheiro de álcool. Pensei: ele está bebendo porque ele nunca faz isto. Um menino de 9 anos. O padrasto bebe, a mãe bebe e a avó bebe. E ele é quem vai comprar pinga. E vem bebendo pelo caminho. Quando chega, a mãe pergunta admirada: - Só isto? Como os negociantes são ladrões! (JESUS, 2014, p. 108-109).

E por último, dia 20 de setembro de 1958, Carolina escreve:

... Fui no empório, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros. Uma senhora que faz compra gastou 43 cruzeiros. E o senhor Eduardo disse: - Nos gastos quase que vocês empataram. Eu disse: - Ela é branca. Tem direito de gastar mais. Ela disse-me: A cor não influi. Então começamos a falar sobre preconceito. Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros na escola. Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se (JESUS, 2014, p. 122).

Os escritos de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo*, denunciam a fome, a violência, o racismo, pobreza e muitas outras situações que acontecem em volta da miséria. A interiorização dos acontecimentos da favela chegou ao fim alguns meses depois que Carolina publicou seu livro. Finalmente, Carolina poderia sair daquele ambiente.

Depois que Carolina saiu da favela, sua vida não deixou de ser tumultuada. Muitos apareciam em sua porta para pedir dinheiro, até mesmo seus vizinhos que lhe xingavam na favela (FARIAS, 2017). Cada qual com sua história, Carolina ia dando dinheiro a todos. Aos 62 anos, Carolina Maria de Jesus se despede do mundo em que vivemos. “Carolina morreu vítima de violenta crise de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica, de acordo com o médico José Antônio Fernandes, do Pronto Socorro de Cipó, na madrugada de sábado” (FARIAS, 2017, p. 346).

Desde pequena Carolina teve uma vida muito difícil, por ser mulher negra e também pobre. Foram centenas as situações de miséria que Carolina passou, e ainda escreveu sobre elas. A miséria não é referência para a escrita. A miséria é a falta da qualidade de vida, da comida, da moradia, do emprego digno. Escrever para Carolina foi uma forma de negar o seu futuro, de negar as estruturas da desigualdade social e a do racismo, por a escritora ser renegada muitas vezes por ser mulher negra.

A interiorização da angústia da fome é uma forma da escritora atingir sua liberdade e “superar” as amarguras da vida carregada de violência, racismo e miséria. Conforme Carolina foi escrevendo no decorrer de sua vida, sua maturidade intelectual foi ascendendo, abrindo sua imaginação para ligar seu mundo real com a construção da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

Carolina foi uma das poucas escritoras que teve um livro publicado que conta sobre o Brasil de dentro da miséria, denunciando fortemente os acontecimentos da favela construída em cima de um antigo lixão, sendo o primeiro palco construído para o descaso social do estado brasileiro (SILVA, 2006-2007). Como conta Carolina Maria de Jesus: quem morava na favela era quem não tinha nada, pessoas de outras regiões e ciganos. Eram as pessoas jogadas no quarto de despejo (JESUS, 2015). Se Carolina não fosse catar papelão e ferros, ela e os filhos não teriam o que comer, e também não teriam onde morar se saíssem da favela, como vimos no decorrer deste capítulo.

O livro de Carolina ainda diz muito sobre a organização do Brasil. Suas narrativas sobre a vida de miséria denunciam o começo da criação da favela, lugares destinados aos que antes viviam de mão-de-obra barata e escravos para os coronéis. O deslocamento das pessoas para a cidade de São Paulo pelo processo migratório, fez com que a criação de lugares como a favela fossem a solução para o processo de higienização das partes centrais das futuras cidades urbanas.

Carolina Maria de Jesus foi uma revolucionária, tanto pelos seus escritos quanto pela vida que teve. Saindo de Minas Gerais, a escritora foi poetizar em São Paulo, dentro de uma favela, onde era o único lugar que tinha para morar. Carolina deixou muita saudades para seus

fãs que a conheceram enquanto estava viva e para quem a conhece atualmente. Por fim, deixo o escrito da autora do dia 28 de maio 1959:

... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida ocorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (JESUS, 2014, p. 167).

CONCLUSÃO

Após lermos sobre o contexto da vida de Carolina Maria de Jesus, sobre os conceitos que nos ajudaram a entender um pouco sobre literatura dessa mulher que deveras merece ser lembrada, não apenas pela sua trajetória de vida, mas também pelas escritas que agregam muito ao pensamento social do Brasil, convido-te a nos encaminharmos para o final deste trabalho.

Apesar de já ter explicado no decorrer destas folhas sobre algumas vertentes que compõem a literatura de Carolina Maria de Jesus, saliento novamente, de forma conclusiva, a relação dos conceitos principais com o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

O conceito que estruturou este trabalho é o de *interiorização*, que ligado ao sentimento de angústia da fome, nos faz entender que a fome é um dos fatores artísticos que compõe a obra estudada. Segundo Candido, a fome não é a causa e nem o significado da escrita de Carolina Maria de Jesus, mas sim um elemento que constitui a obra, que antes era externo, mas que com o processo de interiorização, passa a ser elemento interno. A fome é um dos agentes estruturantes, e que, neste trabalho é considerada, também, valor enquanto essência, já que na maioria dos dias que Carolina escreve em seu diário, um dos assuntos principais era a fome, ou assuntos relacionados à isso, como os preços e os efeitos da comida, dinheiro para comprar comida, comida do lixo, ou a pobreza que vivera. Nesta perspectiva, as narrativas construídas por Carolina a partir da prosa, demonstram suas tristezas que é viver em um país onde a miséria é real.

Como vimos no capítulo 2, analisamos algumas passagens da obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, a partir, principalmente, da prosa, por ela utilizar das palavras que trazem significados, de forma bem maior das poéticas. O império da prosa são os signos, como disse Sartre, e por isso utilizamos do conceito de

prosa para analisar a escrita engajada de Carolina Maria de Jesus, mostrando que a escolha das palavras e dos assuntos a serem tratados em sua obra tinha um cunho político e crítico. Carolina escrevia para que quem lê-se sua obra entendesse a vida de miséria e preconceito que a escritora vivia. Seu objetivo era passar as mensagens que queria que seus leitores e leitoras soubessem, para tanto usava muito de metáforas, contando sobre seus castelos imaginários, Quem ler sua obra, por mais que não acredite que a fome exista no Brasil, não irá ter dúvidas, que dentro da obra a fome existe. Suas escritas gritam socorro, relatam dias e dias vividos na miséria. Escrever, como disse Sartre, é uma maneira de se libertar do mundo que vivemos, já que essa prática demonstra feições à liberdade.

As narrativas de Carolina Maria de Jesus figura o Brasil que passou por uma história sangrenta, onde índios e negros foram mortos e escravizados. O poder político e a divisão das classes sociais brasileiras ficaram nos modelos tradicionalistas, e a desigualdade de classe ascendeu em grandes escalas. Leis que defendem a exploração do trabalho estão ficando cada vez mais comuns no país em que vivemos, deixando as oportunidades mais enraizadas nas seleções de gênero, raça e classe social. Nascer preta, mulher e pobre, em um país que possui um histórico agressivo com essas identidades, transforma as vidas destas mulheres em uma verdadeira batalha. Não há garantias de sobrevivência. A diversidade na cultura brasileira ainda não traz justiça aos povos negros que foram escravizados quase quatro séculos no Brasil. Viver em país que esconde o racismo atrás dos discursos meritocráticos, me faz refletir: “Quais são as belezas do Brasil?”.

Carolina Maria de Jesus nasceu e morreu no Brasil, e por aqui passou muitos anos de sua vida sofrendo. Suas narrativas, em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, mostra uma versão da história do Brasil que poucas vezes foram contadas, já que a história sempre foi apresentada a partir da pele branca, da pele que mais possui privilégios na sociedade brasileira. Poucas vezes escutamos a história do Brasil vinda de uma pele negra, vinda de uma mulher negra.

Atualmente no Brasil, existe o sistema de cota, que tem por objetivo separar uma certa quantidade de vagas para a população negra, pelo fato do negro e negra ainda estarem na margem da sociedade e não receberem o mesmo atendimento social que uma pessoa branca teria e tem. O intuito do sistema de cota é trazer pessoas negras para as universidades; e é através deste sistema que muitas pessoas que se consideram negras estão ingressando nas universidades públicas brasileiras. Outras políticas teriam de ser elaboradas para o povo negro ascender dentro das classes sociais, e também para que conquiste seus espaços de fala e passe ocupar posições institucionais.

A favela ainda é uma realidade cruel no Brasil. Muitas pessoas ainda moram nesses espaços que deveras existem, principalmente, para a população negra. A obra de Carolina Maria de Jesus é caracterizada como uma literatura, mas a miséria que foi interiorizada pela autora, é real.

Carolina Maria de Jesus resistiu a miséria que vivera, e ainda narrou, em forma de diário, narrativas que demonstram o estado de calamidade que o Brasil passava. Por mais que tivesse uma vida dura, Carolina nunca desistiu de escrever e acreditar que em algum dia pessoas leriam seus trabalhos, e saberiam como foi viver na primeira favela da cidade de São Paulo. E foi assim que aconteceu, mulher negra e favelada foi considerada *bestseller*, tendo 10 mil edições vendidas em apenas uma semana de publicação (FARIAS, 2017). Cinquenta nove anos se passaram depois que Carolina publicou sua grande obra prima, que foi chamada de *Quarto de Despejo: diário de uma favela*. Essa obra que engole uma realidade de miséria ainda representa, infelizmente, muito da realidade brasileira.

Por fim, deixo registrado minha grande admiração por Carolina Maria de Jesus. Conhecer suas obras mudaram minha sensibilidade diante ao mundo. E antes que encerremos está monografia, transcrevo mais um dia de como era a vida de Carolina, e quais eram suas preocupações:

30 de maio ... Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome? ... O José Carlos chegou com uma sacola de biscoito que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? E que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele proverbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. Chegaram novas pessoas para a favela. Estão efarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir em um lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. ... Hoje ninguém vai dormir porque os favelados que não trabalham já estão começando a fazer batucada. Lata, frigideira, panelas, tudo serve para acompanhar o cantar desafinado dos notivagos (JESUS, 2014, 46-47).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CONSOLE, Luciane. **Mulheres negras falam sobre o espaço que ocupam na literatura brasileira**. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/21/mulheres-negras-falam-sobre-o-espaco-que-ocupam-na-literatura-brasileira/>>. Visualizado 24 de fevereiro de 2019.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, Florastan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. - (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.33).

FREDERICO, Celso. **A sociologia da literatura de Licien Goldmann**. Estudos Avançados. 2005.

JESUS, Carolina Maria de Jesus. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014. 208 p. (Memória e Sociedade).

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. - 10. ed. - São Paulo: Ática, 2014. 200p. : il.

JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SARTRE, Jaen-Paul. **Que é a literatura?**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Rio de Janeiro: Éditions Gallimard, 1943.

SILVA, José Gomes. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus**. São Paulo, 2006-2007.

LUKÁCS, Georg. **Narrar ou Descrever?**. In _____. (org.). Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.